

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA PUC-SP
FACULDADE DE TEOLOGIA

EDSON FRANCISCO BREDAS

**O CUIDADO COM A CASA COMUM, SOB A LUZ DA ENCÍCLICA
LAUDATO SI' DE PAPA FRANCISCO**

São Paulo

2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA PUC-SP
FACULDADE DE TEOLOGIA

EDSON FRANCISCO BREDÁ

**O CUIDADO COM A CASA COMUM, SOB A LUZ DA ENCÍCLICA
LAUDATO SI' DE PAPA FRANCISCO**

Pesquisa apresentada para avaliação de graduação do curso de Teologia. Trabalho de conclusão de curso da faculdade de Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo-PUC, para obtenção do título de Bacharel em Teologia, sob orientação do professor Dr. Pe. Ney Souza.

São Paulo

2017

FOLHA DE APROVAÇÃO

**TEMA: O CUIDADO COM A CASA COMUM, SOB A LUZ DA
ENCÍCLICA LAUDATO SI' DE PAPA FRANCISCO**

ALUNO: EDSON FRANCISCO BREDAS

ORIENTADOR: PROF. DR. PE. NEY SOUZA

NOTA OBTIDA: _____

OBSERVAÇÃO DO PROFESSOR:

ASSINATURA: _____

São Paulo

2017

“Eis que Iahweh teu Deus vai introduzir, numa terra boa: terra cheia de ribeiros de água e de fontes profundas que jorram no vale e na montanha; terra de trigo e cevada, de vinhas, figueiras e romãzeiras, terra de oliveiras, de azeite e de mel; terra onde vais comer pão sem escassez - nela nada te faltará! - terra cujas pedras são de ferro e de cujas montanhas extrairás o cobre. Comerás e ficarás saciado, e bendirás a Iahweh teu Deus na terra que ele te dará.” (Deuteronômio, 8, 7-10)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, depois, à minha família, em especial à minha esposa Kelly Cristina e meus filhos Edson Junior, Emerson e Stefani, pela valiosa colaboração e apoio recebido.

Aos meus amigos da Paróquia Nossa Senhora de Loreto, quais sejam, o pároco Padre Fernando Batistute, Padre Mauro Negro, Diácono Mário e o Diácono Felipe, pela sua colaboração e incentivo.

Ao corpo docente da graduação em Teologia da PUC - São Paulo – SP, pelo seu empenho na transmissão de conhecimentos; em especial, ao meu orientador, Prof. Dr. Ney Souza, pela disponibilidade e generosidade em colaborar com suas valiosas orientações e observações que muito contribuíram em aumentar meus conhecimentos.

Agradeço a todos da Escola Diaconal São José, pela acolhida e orientação do meu discernimento vocacional, em especial, o reitor Padre Fernando, o vice-reitor Diácono Airton e o Padre Auri.

Aos meus amigos de trabalho da empresa Kapital Factoring, em especial os diretores, Sr. Edson Mariano e o Sr. Carlos Alberto. Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para o sucesso de minha jornada acadêmica e vocacional.

RESUMO

“Louvado sejas, meu Senhor”, são as palavras que dão início à Encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco a qual encoraja o povo de Deus a ser politicamente responsável com planeta Terra, o lugar da nossa casa comum. O presente estudo tem por objetivo trazer reflexões sobre as formas de cuidar da integralidade da vida, a partir dos pensamentos do Papa Francisco, estabelecer relações entre a ecologia e o comportamento consumista capitalista da sociedade. Faz-se necessário incentivar a humanidade tornarem consumidores socialmente responsáveis e politicamente ativos, uma vez que a crise climática está relacionada com o mau uso dos recursos naturais do planeta.

O Papa Francisco aponta em sua encíclica que a crise climática também está relacionada com a crise humana, ou seja, a falta do cuidado com a integralidade da vida do ser humano, em especial os mais pobres. Este cuidado, evitaria a expansão da destruição do meio ambiente, uma vez que, os pobres compõem a mão de obra do crime organizado, no qual aproveitam da sua vulnerabilidade para serem aliciados.

Palavras-Chave: Laudato Si', Papa Francisco, Encíclica, Integralidade, Ecologia.

RESUME

“Praised be you, my Lord, ” those are the beginning words from the encyclical Laudato Si’ of Pope Francis that encourages the God's people to be politically responsible with planet Earth, our common home. This current study aims to investigate ways of dealing with the integrality of life, based on the thoughts of Pope Francis, as well as on the ecology and society capitalist consumerist behavior. It is necessary to encourage humanity to become socially responsible and politically active, since the climate crisis is related to the misuse of the planet’s natural resources.

Pope Francis points out in his encyclical that the climate crisis is also related to the human crisis, that is, lack of caring for the integrality of human life, especially the poorest. This care would prevent the spread of environmental destruction, since the poors make up the workforce of organized crime, which they take advantage of their vulnerability to be enticed.

Keywords: Laudato Si’, Pope Francis, Encyclical, Integrality, Ecology.

SUMÁRIO

Introdução	9
Capítulo I - O Papa Francisco e sua encíclica sobre a ecologia.....	11
1. Uma transição Papal incomum	12
1.1 Um Papa Latino-Americano	13
1.2 Os Jesuítas na Argentina	14
1.3 A Biografia de Jorge Bergoglio	15
1.4 Jorge Bergoglio, Sacerdote Jesuíta	18
1.5 O caso de Yorio e Jalics	20
1.6 Jorge Bergoglio, Cardeal Jesuíta	21
1.7 Jorge Bergoglio, Papa Jesuíta	23
2. As Encíclicas Papais	24
2.1 As Encíclicas na História	26
3. Ecologia e suas definições	29
3.1 Ecologia na História	31
Capítulo II - Uma Ecologia Integral, a luz da Laudato Si'	36
1. A Ecologia na Teologia	37
1.1 O nome Francisco, e o cuidado com Casa Comum	42
2. Ecologia ambiental, econômica e social.....	44
2.1 Ecologia cultural.....	46
2.2 Ecologia da vida quotidiana	48
2.3 O princípio do bem comum	51
2.4 A justiça intergeracional.....	52
Capítulo III - Uma perspectiva Bíblica e Ética sobre a Ecologia.....	55
1. Ecologia Bíblica	56
1.2 Ecologia no livro do Gênesis.....	56
1.3 Ecologia nas narrativas veterotestamentária.....	60
1.4 Ecologia nas narrativas neotestamentária	61
1.5 Ecologia no Apocalipse	63
2. A necessidade de uma Ética Planetária.....	65
2.1 Despertar das Responsabilidades	67
2.2 Visão prática da Ética Planetária	69
Conclusão	71
Referências Bibliográficas	73
Bibliografias de Artigos Periódicos de Site de Internet.	75

Introdução

O presente estudo surgiu em decorrência da *Encíclica Laudato Si'*, no qual o Papa Francisco apresenta um grande desafio, não só para a Igreja Católica Apostólica Romana, mas também para toda humanidade. Esta encíclica tem por objetivo fomentar o diálogo com os vários setores da sociedade, em vista de propor uma revolução cultural, na qual, faz-se necessário, em vista da problemática climática que coloca em risco a integralidade da vida humana, e também de toda a criação.

Este trabalho de conclusão do curso será apresentado em três capítulos. O corte epistemológico foi orientado em torno da proposição, “Como cuidar da integralidade da vida? ”, cujo o tema sugerido “O cuidado com a casa comum, sob a luz da encíclica Laudato Si de Papa Francisco”. Ambos contribuíram na criação do objetivo geral, no qual estabeleceu a pesquisa em torno de como cuidar da integralidade da vida, a partir dos pensamentos do Papa Francisco, bem como sobre a ecologia e o comportamento consumista capitalista da sociedade.

Os objetivos específicos foram subdivididos em três pontos, o primeiro, visa informar quem é Francisco, o que é uma encíclica e o que é ecologia. O segundo ponto, subdivide-se em dois temas, o primeiro tema aborda a questão de como a teologia compreende a ecologia, o segundo tema, elabora um estudo do capítulo IV da *Encíclica Laudato Si'*, *Uma Ecologia Integral*. Finalizando, o terceiro objetivo específico, trabalha numa visão Bíblica e Ética sobre a Ecologia.

O primeiro capítulo inicia-se com aspectos históricos do episódio da renúncia de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI e segue sobre a eleição de um Papa Latino Americano. Percorre então na linha da história, sobre os Jesuítas na Argentina, até a biografia de Jorge Mario Bergoglio, do seu nascimento até o Pontificado.

Apresenta-se o que é uma Encíclica, as Encíclicas Papais, e as Encíclicas elaboradas pelos Papas no decorrer da história, até a elaboração da Encíclica do Papa Francisco a *Laudato Si'*. Finaliza com o tema da sobre às definições da Ecologia e a evolução da Ecologia na história.

O segundo capítulo, aborda como a ecologia é interpretada pela teologia, neste sentido, o conceito da ecologia na teologia, perpassando pelo período histórico, verificando as relações da teologia, filosofia, até chegar nos pensadores contemporâneos. Depois, uma análise sobre a escolha do nome Papa Francisco, e a possível influência do seu pontificado em relação a defesa da integralidade da vida.

Em seguida finaliza-se com um estudo do capítulo IV da *Encíclica Laudato Si'*, *Uma Ecologia Integral*, ponto a ponto, ou seja, a questão sobre a ecologia ambiental, a econômica e social, a ecologia cultural, a ecologia da vida cotidiana, o princípio do bem comum, e a justiça intergeracional.

O terceiro capítulo, apresenta-se a perspectiva Bíblica sobre a Ecologia, a partir do livro do Gênesis, depois, nas narrativas veterotestamentária, neotestamentária e também, no Apocalipse. Em seguida, a perspectiva Ética sobre a Ecologia, o diálogo sobre um Ethos Mundial e a responsabilidade humana. Finalizando com a importância da implementação da Teologia da Ética Planetária para salvaguardar a humanidade e a criação.

Capítulo I

O Papa Francisco e sua encíclica sobre a ecologia

No primeiro capítulo, será apresentado três temas ou partes distintas. A primeira parte, trata de Jorge Mário Bergoglio, o Papa Francisco. Através do pensamento de alguns teólogos será apresentado a história daquele que hoje está à frente da Igreja Católica Apostólica Romana. Para tanto, a primeira parte subdivide-se em quatro tópicos. O primeiro tópico inicia com o episódio da renúncia de Joseph Ratzinger, Papa Bento XVI. No segundo tópico, a opinião de alguns teólogos, sobre a questão de um Papa Latino Americano. No terceiro tópico, a questão histórica dos Jesuítas na Argentina, a contribuição, a influência cristã para um povo miscigenado e seus desdobramentos. Após esta explanação, inicia-se o quarto tópico, parte mais densa deste capítulo, no caso, a Biografia de Jorge Mario Bergoglio, do seu nascimento até o Pontificado.

A segunda parte do primeiro capítulo, apresenta-se o que é uma *Encíclica*. Aparentemente, a *Encíclica*, parece ser um termo comum, utilizado como nome de alguns documentos papais, porém, a sua origem, o seu significado e a sua aplicação mostram a sua real importância, que deve ser compreendida, não apenas como um documento pontifício, mas também como uma comunicação do Romano Pontífice com a sua Igreja, num determinado tempo e espaço. O texto será apresentado em dois pontos, no primeiro ponto, elabora-se o conceito das Encíclicas Papais, e no segundo ponto, sobre as Encíclicas elaboradas pelos Papas no decorrer da História, até a elaboração da Encíclica do Papa Francisco a *Laudato Si'*.

A terceira e última parte do primeiro capítulo, a questão sobre a *Ecologia*, que atualmente, é um assunto sobre o qual quase todo mundo tem prestado atenção e a maioria das pessoas considera importante mesmo quando elas não conhecem o significado exato do termo. De fato, a Ecologia é importante, contudo, torna-se melhor quando compreendemos o que ela representa, em vista da mudança climática, que coloca em risco os seres vivos e a humanidade. O texto discorrerá a *Ecologia*, apresentado o seu conceito, subdividido em dois pontos de vista, no primeiro ponto, às definições da Ecologia, o segundo ponto, a evolução da Ecologia na história.

1. Uma transição Papal incomum

A renúncia de Joseph Ratzinger o Papa Bento XVI, foi amparada pelo Direito Canônico, especificamente no Código de 1983, no segundo parágrafo do cânone 332, sobre a renúncia do Romano Pontífice, como segue: “No caso que o Romano Pontífice renuncie ao seu ofício, exige-se para a validade que a renúncia seja feita livremente e que seja devidamente manifestada, não se exige, porém, que alguém a aceite”. E fazendo uso de seu direito, o Papa Bento XVI declarou em pronunciamento: “Bem consciente da gravidade deste ato, com plena liberdade, declaro renunciar ao ministério de bispo de Roma, sucessor de São Pedro, a mim confiado pelas mãos dos cardeais no dia 19 de abril de 2005, de forma que, a partir de 28 de fevereiro de 2013, às 20 horas, a sede de Roma, a sede de São Pedro, estará vacante”.¹

Sobremaneira, tornou-se formalmente o primeiro “Papa emérito” da história. O anúncio do Pontífice Bento XVI sobre a sua renúncia, de fato aconteceu de forma inesperada, e desencadeou mundo a fora uma avalanche de opiniões em todos os níveis. Para tanto, é preciso analisar o seu gesto, observando o contexto da situação, relatado pelo próprio Bento XVI:

“Após haver repetidamente examinado minha consciência diante de Deus, cheguei à certeza de que as minhas forças, dada a idade avançada, não são mais aptas para exercer de forma adequada o ministério petrino. Estou muito consciente de que este ministério, pela sua essência espiritual, deve ser realizado não somente com as obras e as palavras, mas não menos sofrendo e rezando. Todavia, no mundo de hoje, sujeito a rápidas mudanças e agitado por questões de grande relevância para a vida da fé, para governar a barca de São Pedro e anunciar o Evangelho, é necessário também o vigor tanto do corpo quanto do ânimo, vigor que, nos últimos meses, em mim diminuiu de tal forma a ponto de ter que reconhecer a minha incapacidade em administrar bem o ministério a mim confiado”.²

¹ GAETA, Saverio. *Papa Francisco - Vida e os desafios*; tradução Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013. 1ª edição, p. 6.

² Ibidem. p. 7.

A renúncia do Papa Bento XVI, em primeiro lugar, foi um gesto pessoal, justificado pela falta de destreza, desmistifica que a figura do papa não possa renunciar, como também, sinalizar que o Bispo de Roma é mais pastoral do que jurídico, no seio do Colégio Apostólico, que está à frente das Igrejas Locais. Em segundo lugar, que este gesto, expôs à luz do dia os porões da cúria romana, envolta em lutas de poder, corrupção e outros escândalos, organismo que tem sido o principal responsável pelo estancamento da renovação conciliar e pelo gradativo processo de involução eclesial nas últimas três décadas.³

Na sequência dos acontecimentos, no dia 13 de março de 2013, aproximadamente às 19 horas, numa quarta-feira, foi eleito o cardeal Jorge Mario Bergoglio, arcebispo de Buenos Aires (Argentina), o novo Papa. Este é o 266º pontificado da história, o qual surgiu de forma inesperada, e logo, fomentou no povo de Deus expectativas de abertura ao diálogo sobre questões ainda não resolvidas. A voz do Pontífice, o Bispo de Roma, é ouvida, não só pelos católicos e cristãos, mas por uma humanidade que valoriza os significados pautados sobre a fé de um povo que caminha.

1.1 Um Papa Latino-Americano

O teólogo e historiador da América Latina, José Oscar Beozzo, diz que Jorge Mario Bergoglio é o primeiro papa na história da Igreja nascido nas Américas. Continente berço de um povo que cresceu a partir da miscigenação entre índios, negros e europeus. Povo gestado sob tensões de poder, marcado pela violência militar, política, cultural e religiosa, dominado pelo catolicismo ibérico forjado na luta contra os mouros. A partir do século XIX, a vinda de outros imigrantes, no caso dos cristãos protestantes e ortodoxos e também os não cristãos vindos da Índia, China, Japão e Indonésia, colaboraram com a formação do cristianismo latino-americano.⁴

³ SILVA, José Maria da (org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*; In: BRIGHENTI, Agenor. *Perfil pastoral da Igreja que o Papa Francisco sonha*; Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 1ª edição.

⁴ STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição, p. 7.

O bispo Bergoglio leva para a Europa a sua herança italiana estampada no nome, no sangue, uma identidade cultural transfigurada pela influência dos povos do continente americano. Fruto da sua experiência adquirida em suas andanças pastorais pelas “Villas Miséria” da periferia de Buenos Aires, no qual topou o tempo todo com esse povo pobre da América. Povo este formado principalmente por indígenas, negros e brancos. Em contraste com catolicismo romanizado de suas elites e de suas classes médias de origem europeia.

Na América Latina sua figura se impôs pela sobriedade de vida o espírito de serviço, a disponibilidade ao acordo, a pregação concisa e envolvente. O caráter e a sensibilidade o tornam uma figura quase “ascética”, em sintonia com aqueles que colocaram o Evangelho como fundamento da atividade eclesial. Não é nem filósofo nem teólogo. Nunca se ligou a nenhuma corrente particular na universidade católica argentina, da qual foi grande chanceler, e sempre criticou a Teologia da Libertação que flertava com a interpretação marxista da sociedade. [...]. Em 2002, não aceita ser nomeado presidente da Conferência Episcopal, eleição que ocorrerá três anos mais tarde e que será confirmada por um segundo triênio em 2008.⁵

1.2 Os Jesuítas na Argentina

Os jesuítas chegaram à Argentina em 1585. Criaram várias províncias nos países da América do Sul, com objetivo de integrar os espanhóis e os índios. Com os índios criaram as reducciones (missões), espécie de comunidade para fixar as populações indígenas. Após um século e meio verificou-se que estas missões produziram um notável desenvolvimento da pintura, escultura e música. O rei da Espanha, Carlos III, em 1767 expulsou todos os jesuítas, e o Papa Clemente XIV, em 1773, suprimiu a Companhia de Jesus, que foi restabelecida em 1814 por Pio VII. Os jesuítas voltaram para a Argentina na época de Rosas (1829-1852), com o qual tiveram muitos embates, tanto que tiveram de ir embora.

⁵ STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição, p. 80.

Depois da batalha de Caseros e a queda de Rosas, voltaram. Em 1875 tiveram o Colégio do Salvador em Buenos Aires incendiado, devido à luta entre os católicos e os liberais. Conforme autor Strazzari, desde o século XVI até a metade do século XIX, a Igreja na Argentina se caracterizou como hispânico-crioula, com um clero formado na maioria por jesuítas, franciscanos e dominicanos e um laicato que foi protagonista da guerra da independência da Espanha. Com a imigração italiana, por volta da metade do século XIX, construiu-se uma Igreja italianizada, no qual passou integrar os estrangeiros e os índios. A partir de 1875, este processo de organização nacional teve muita ajuda dos jesuítas e salesianos.

A partir da metade do século XIX, a Igreja na Argentina sofreu o rancor laico e anticlerical da maçonaria liberal estabelecida no poder, que tendia a identificá-la com a barbárie, à qual contrapunha uma ação de civilidade, eliminando as referências à religião. Muitos abandonaram naquele tempo a prática religiosa. A situação começou a mudar a partir do início do século XIX, quando se viu a decadência cultural do laicismo devido em grande parte aos fluxos migratórios para os centros urbanos apinhados de massas ligadas ao catolicismo popular.⁶

No século XX, os jesuítas com o objetivo de educar e catequizar o povo, se dedicaram às missões populares. A partir da segunda metade do século, desenvolveram uma notável atividade científica. Fundaram as universidades católicas, apesar de não dominarem as ciências exatas como cálculos econômico-financeiros.⁷

1.3 A Biografia de Jorge Bergoglio

Jorge Mario Bergoglio nasceu num período no qual a Igreja na Argentina se empenhava numa ação minuciosa de catequese e de assistência nas paróquias, nas associações como a Ação Católica, nas associações de pais, nos círculos operários católicos, fundado pelo Padre Federico Grote no início do século XX. Em 1934 aconteceu em Buenos Aires o Congresso Eucarístico Internacional. Um evento que marcou o

⁶ STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição, p. 39.

⁷ Ibidem. p. 38.

renascimento da religiosidade popular. Quem presidiu este Congresso foi o secretário de Estado, o Cardeal Eugenio Pacelli, que seria eleito papa em 1939.

Seus avós paternos vindos do Piemonte, partiram da Itália em pleno inverno, em direção ao hemisfério sul, que era pleno verão. “O capote com o pescoço de pele que vovó Rosa Margherita Vasallo vestia resultava decisivamente excêntrico. Porém, nenhuma tentação de tirá-lo: no bolso interno da veste escondia-se todo o dinheiro que ela e o marido Giovanni Ângelo haviam juntado para enfrentar o mundo desconhecido que os esperava na Argentina e o jovem filho de vinte e quatro anos Mario Giuseppe Francesco, o pai do futuro Pontífice”.⁸

Chegaram a Argentina, na capital Buenos Aires, em janeiro de 1929. O período, compreende final da grande onda de imigração de europeus para América, no qual, os imigrantes fugiam da pobreza, em busca de uma vida melhor e mais digna. Esta imigração teve início por volta do ano 1840. A Argentina recebeu, muitos imigrantes europeus, no qual vinham para morar e estabelecer raízes. A família Bergoglio, pode-se dizer, não estavam na miséria, uma vez que na Itália possuíam uma casa e administravam uma padaria. O que foi relevante para decidirem sair da Itália, foi o desejo de reatar as relações com seus parentes que já se encontravam na Argentina.

Em 1922, três irmãos de Giovanni Ângelo haviam-se transferido para Buenos Aires. Abriram uma empresa de pavimentação de estradas. Ao passar do tempo, após uma melhora financeira, construíram um edifício de quatro andares, no qual fizeram para moradia da família Bergoglio, ou seja, um andar para cada irmão. Este prédio foi o primeiro, equipado com um elevador na cidade, que segundo o autor era “um espetáculo que atraía a curiosidade de quem passava por lá”. Infelizmente, ocorreu uma crise econômica muito severa de 1929-1932, obrigando-os a encerrar as atividades. Obrigou Giovanni Ângelo abrir uma loja junto com um dos irmãos, para em seguida deslocar-se a trabalhar em outra empresa.

⁸ GAETA, Saverio. *Papa Francisco - Vida e os desafios*; tradução Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013. 1ª edição, p. 11.

Foi em 1934, que o filho de Giovanni Ângelo, Mario Giuseppe Francesco conheceu a sua futura esposa, Regina Maria Sívori (filha de um argentino e de um piemontês), fruto de um encontro no oratório salesiano de Santo Antônio, no bairro Almagro, onde ambos iam à missa. No dia 12 de dezembro de 1935 se casaram e o primeiro filho do casal, Jorge Mario Bergoglio, nasceu em 17 de dezembro de 1936. O casal Bergoglio tiveram outros quatro filhos, dois homens, Alberto Horácio e Oscar Adrián, e duas mulheres, Marta Regina e Maria Elena (a única ainda viva).

Foram morar em um apartamento no bairro Flores, na região centro-ocidental de Buenos Aires. A infância de Bergoglio foi marcada pela sua vó Rosa Margherita, com ela recebeu influência nos primeiros anos de sua vida, uma vez que, Rosa Margherita cuidava dele, para que seus pais pudessem trabalhar. E por essa razão ainda agora é citada por ele como a pessoa que mais habita seu coração.

Quando criança, Bergoglio traz em sua memória boas recordações. “Os jogos de bisca com o pai, as tardes de sábado diante do rádio com a mãe escutando as obras líricas, aos domingos com toda a família no estádio do San Lorenzo, o time de futebol fundado em 1908 pelo salesiano Lorenzo Massa (na adolescência, além do futebol, jogará também basquete)”. Após o quinto parto, com efeito, sua mãe ficou com as pernas paralisadas. Assim, ela preparava os ingredientes e os organizava sobre a mesa, enquanto os filhos seguiam as suas instruções para combiná-los e cozinhá-los. Um ensinamento útil também para o futuro, quando Jorge Mario será reitor e bispo, para virar-se sozinho.⁹

De 1943 a 1948, Jorge Mario frequentou a escola elementar Antonio Cerviño, onde agora se conservam os registros que atestam os resultados dos seus estudos: “Obteve sempre o suficiente nas diversas matérias previstas pelo programa: aritmética, geometria, história, geografia e desenho. Mas naquele tempo não havia notas, os alunos eram somente suficientes ou insuficientes”, explicou a atual diretora, Efe Roxana Dominguez.

De Amália Damonte, uma amiguinha de quando tinham cerca de doze anos, chegou uma graciosa notícia. Certo dia, Jorge Mario lhe entregou

⁹ GAETA, Saverio. *Papa Francisco - Vida e os desafios*; tradução Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013. 1ª edição, p. 13.

uma folha de papel na qual desenhara uma casinha branca com o teto vermelho, dizendo-lhe: “Esta é a casa que comprarei quando nos casarmos”. Em seguida, acrescentou: “Se você não me disser sim, vou ser padre”. Porém ela não lhe respondeu e, mais ainda, quando aquele desenho acabou nas mãos da mãe, os seus pais a proibiram de tornar a vê-lo.

Em meio às dificuldades, sendo Jorge Bergoglio o filho mais velho, começa a trabalhar muito cedo, antes de terminar o ginásio. Consegue diplomar-se como técnico químico. Sua educação religiosa é influenciada pela sua avó. Ele frequentava à missa e participava dos grupos da paróquia de ação católica do bairro portuário de Flores. Entra para o seminário diocesano de Villa Devoto.

1.4 Jorge Bergoglio, Sacerdote Jesuíta

Em 11 de março de 1958, Bergoglio entrou para o noviciado na Companhia de Jesus, ordem fundada por Ignácio de Loyola:

Terminou os estudos humanísticos no Chile e, em 1963, voltou para a Argentina, onde se formou em Filosofia no Colégio Máximo de São Miguel. Entre 1964 e 1965, ensinou literatura e psicologia no Colégio da Imaculada de Santa Fé e, em 1966, passou a lecionar as mesmas matérias no Colégio do Salvador, em Buenos Aires. Estudou teologia de 1967 a 1970. Em 13 de dezembro de 1969, foi ordenado sacerdote pelo Arcebispo Ramón José Castellano. Foi enviado para fazer a terceira postulação da formação jesuítica em Alcalá de Henares, na Espanha. Em 2 de abril, fez sua profissão de fé com os jesuítas.¹⁰

Em 31 de julho de 1973, o Padre Jorge Mario Bergoglio foi eleito provincial dos jesuítas na Argentina e ocupou o cargo até 1979. Em 1973 decidiu que a Companhia deixaria a direção da Universidade do Salvador, em Buenos Aires. Depois de seis anos como provincial, voltou a trabalhar no campo universitário. Entre 1980 e 1986 foi

¹⁰ STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição, p. 37.

novamente reitor do Colégio Máximo e primeiro pároco de uma nova paróquia em São Miguel, a uns 30 quilômetros da capital federal, dedicada a São José, do qual sempre foi muito devoto. Em março de 1986 foi à Alemanha e frequentou por pouco tempo o prestigioso centro de estudos Sankt Goegen de Frankfurt e o arquivo Guardini, em Múnaco, para aprofundar seu pensamento principalmente com relação a sua obra filosófica: *Der Gegensatz* (Os opostos em tensão). Quando voltou, foi enviado ao Colégio do Salvador de Buenos Aires e sucessivamente à Igreja da Companhia, em Córdoba, como diretor espiritual e confessor. Bergoglio orienta-se pelo livro de Santo Inácio, os Exercícios Espirituais, que indica o caminho de todo jesuíta. A espiritualidade de Bergoglio e seu modo de ser, pela obra é marcada de forma peculiar, conforme a explicação da teóloga brasileira, muito estudiosa e colaboradora prestigiosa da revista *Concilium*, Maria Clara Lucchetti Bingermer.

Ela observa que, a formação de Bergoglio foi influenciada pelo esquema clássico da Companhia de Jesus, no qual, os jesuítas, possuem uma espiritualidade cristocêntrica e essencialmente missionária, que está baseada no discernimento dos espíritos para buscar e encontrar a vontade de Deus. Em resumo, a espiritualidade de Bergoglio, baseia-se no espírito, que deve ser exercitado, com a finalidade de responder aos desígnios divinos, e deixar-se conduzir na direção que leva mais ao louvor e ao serviço de Nosso Senhor. Na opinião de Mario de França Miranda, outro teólogo, a formação recebida na escola de Santo Inácio de Loyola certamente incidirá na nova missão de Jorge Mario Bergoglio como dirigente máximo da Igreja Católica.

Tanto as experiências que teve como seminarista na ordem dos jesuítas, de cunho comunitário, espiritual ou intelectual, quanto suas atividades como jesuíta já formado, seja no campo da espiritualidade, seja do governo, se realizaram sempre dentro do espírito e das orientações próprias desta ordem religiosa. [...] Observamos de início que a espiritualidade inaciana é apenas uma entre outras ricas e profundas espiritualidades da Igreja Católica. [...]. Lembremos ainda que não se pode deduzir linearmente desta espiritualidade as tomadas de posição e as iniciativas futuras do Papa Francisco.¹¹

¹¹ PASSOS, Décio João e SOARES, Afonso M. L. (organizadores). *Francisco Renasce a Esperança*; In: MIRANDA, Mario de França. *Francisco: Papa e Jesuíta*. São Paulo: Paulinas, 2013. 1ª edição, p. 134.

Para Mario de França Miranda, o jesuíta é chamado por Deus para ser enviado em missão, portanto, Bergoglio vê a Igreja como missionária. Daí a preocupação de Santo Inácio de Loyola em prescrever para os jesuítas uma sólida formação espiritual, juntamente com uma ampla e profunda formação intelectual. Só assim poderiam eles enfrentar os mais variados desafios que a sociedade lhes oferecia. Esta mesma característica levará os membros desta ordem para as mais diversas frentes de batalha, de cunho educacional, missionário, intelectual, assistencial ou social, deparando-se com situações inéditas e correndo o risco ao lhes dar respostas inovadoras. Numa palavra, para o jesuíta a missão é sempre prioritária.¹²

A formação de Bergoglio foi influenciada também por professores notáveis. Como por exemplo, seu professor, o grande teólogo Juan Carlos Scannone, uma celebridade no campo da filosofia e da teologia, tanto que é considerado um dos máximos expoentes da Teologia da Libertação na Argentina. O professor Scannone nutria grande estima por Bergoglio, no entanto, o escolheu como diretor espiritual, embora fosse alguns anos mais velho do que ele. Contudo, Bergoglio também estudou com professores considerados conservadores e outros que tinham boa inclinação pela teologia pós conciliar. Com o passar do tempo Bergoglio torna-se professor de literatura.¹³

1.5 O caso de Yorio e Jalics

Por volta de 11 a 23 de março de 1976, foram sequestrados os jesuítas Yorio e Jalics, por grupos ligados às Forças Armadas. Eles invadiram as casas dos militantes e dos habitantes do bairro Rivadavia e do sul de Flores e levaram todos os que tinham contato com o peronismo de base (PB). Também foi sequestrada Monica Mignone, a filha do autor do livro *Igreja e ditadura*. Isto levou Mignone, criticar às autoridades, insinuando que, já estivesse premeditado a prisão dos jesuítas, porque ocorreram logo após as licenças ministeriais. Críticas que resultaram em algumas manifestações contra o seu provincial, no caso, o jesuíta Jorge Bergoglio. No entanto, durante este período Bergoglio

¹² PASSOS, Décio João e SOARES, Afonso M. L. (organizadores). *Francisco Renasce a Esperança*; In: MIRANDA, Mario de França. *Francisco: Papa e Jesuíta*. São Paulo: Paulinas, 2013. 1ª edição, p. 135.

¹³ STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição, p. 41.

ajudou a salvar pessoas perseguidas pelos militares e intercedeu por muitos presos políticos a saírem do país. Vários sacerdotes foram vítimas de sequestros, torturas e morte, especialmente aqueles padres vinculados ao Movimento de Sacerdotes para o Terceiro Mundo.¹⁴

Bergoglio relata que: “A minha primeira sensação, é de que os teriam libertado imediatamente, porque não havia nenhuma acusação contra eles. Além disso, eu estava convencido de que não fora uma operação para achar somente eles, mas uma batida policial na qual foram pegos”. Além de Mignone, Bergoglio foi por muito tempo criticado também por Horacio Verbitsky, escritor do livro *História política da Igreja católica* (v. III), que disse que Bergoglio queria limpar a Companhia dos “jesuítas esquerdistas”. Alicia de Oliveira, do Centro de Estudos Legais e Sociais (CELS), o defendeu: “É uma infâmia pensar que os tenha entregado. Ao contrário, ele os tinha avisado”.¹⁵

Bergoglio foi denunciado em 2005 por supostas conexões ou omissão diante do sequestro, pela ditadura argentina, de dois padres jesuítas: Orlando Yorio e Francisco Jalics, em 23 de maio de 1976, quando era superior provincial dos jesuítas. As denúncias foram desmentidas pelo próprio Francisco Jalics, que contradisse de forma categórica as insinuações: “O missionário Orlando Yorio e eu mesmo não fomos denunciados pelo Padre Bergoglio, agora Papa Francisco”, afirmou Jalics em uma declaração publicada no site da ordem jesuíta alemã.¹⁶

1.6 Jorge Bergoglio, Cardeal Jesuíta

Jorge Bergoglio foi escolhido pelo Cardeal Antônio Quarracino, para ser seu íntimo colaborador em Buenos Aires. Em 20 de maio de 1992, João Paulo II nomeia Bergoglio como bispo titular de Auca e auxiliar em Buenos Aires. Em 27 de junho é

¹⁴ PASSOS, Décio João e SOARES, Afonso M. L. (organizadores). *Francisco Renasce a Esperança*; In: ALTEMEYER, Fernando Jr. *Os muitos partos do bispo de Roma*. São Paulo: Paulinas, 2013. 1ª edição, p. 114 e 115.

¹⁵ STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição, p. 65.

¹⁶ PASSOS, Décio João e SOARES, Afonso M. L. (organizadores). *Francisco Renasce a Esperança*; In: ALTEMEYER, Fernando Jr. *Os muitos partos do bispo de Roma*. São Paulo: Paulinas, 2013. 1ª edição, p. 114 e 115.

consagrado bispo pelo cardeal. Escolhe como lema *Miserando atque elegendo*, uma expressão do monge inglês Beda, o Venerável (673-735 D.C.), erudito anglo-saxão, e no brasão de armas usa o criptograma *IHS*, símbolo da Companhia de Jesus. Em 23 de dezembro de 1993, Bergoglio foi nomeado vigário episcopal da zona de Flores, local onde nasceu e, foi também empossado como vigário-geral da arquidiocese. Em 3 de junho de 1997, foi promovido a arcebispo coauditor de Buenos Aires.

Após a morte do Cardeal Quarracino, Bergoglio o sucedeu em 28 de fevereiro de 1998 como arcebispo, primaz da Argentina. Em fevereiro de 2001, por João Paulo II foi constituído cardeal, concedendo-lhe o título de São Roberto Bellarmino, o cardeal teólogo jesuíta da contrarreforma. Em outubro de 2001, foi nomeado relator-geral adjunto na 10ª Assembleia Geral Ordinária do sínodo dos bispos, dedicada ao ministério episcopal. Em 2005 foi eleito presidente da Conferência Episcopal Argentina, no qual ficou até de 2011. Em 2007, no final da quinta Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano realizada em Aparecida de 13 a 31 de maio o arcebispo Bergoglio foi também eleito por grande maioria como presidente da Comissão encarregada de preparar o documento final dos trabalhos.

O campo de ação de Bergoglio, apesar de estar focado no âmbito religioso, nunca deixou de lado as suas intervenções no âmbito social. No *Te Deum*, que é a festa nacional argentina, na qual, comemora a revolução de 1810, esta festividade, acontece todo dia 25 de maio de cada ano e, Bergoglio, nas suas homilias, sempre fez uso de palavras duras, no sentido de defender a dignidade humana do seu povo. Palavras dirigidas aos presidentes, Fernando de La Rúa em 2000, Nestor Kirchner em 2003, Cristina Fernández Kirchner em 2010. A presidente Cristina Kirchner após aprovar a lei de reconhecimento jurídico das uniões homossexuais, foi severamente criticada por Bergoglio, que definiu a aprovação desta lei como “uma tentativa de destruir os planos divinos”.

O cardeal Bergoglio sempre esteve junto aos pobres da argentina, nas favelas da Villas misérias, ele se sentia em casa. Para chegar na favela, usava o ônibus como meio de transporte, vestia-se como padre, de modo simples. Celebrava a missa, na capela da Virgem de Caacupé, local bem humilde, lá realizava batizados, distribuía comunhão e por horas escutava confissões. Inteirava-se dos problemas da comunidade, e procurava

sempre uma forma de poder ajudar. Bergoglio instituiu um vicariato episcopal para acompanhar as pastorais das favelas na capital da Argentina. Para Bergoglio, a Igreja deve estar sempre em missão, ou seja, sair de si mesmo, ir em direção da periferia, porque quando a Igreja permanece fechada em si mesma, autorreferencial, envelhece. É preferível uma Igreja que erra quando sai em missão, do que uma Igreja doente fechada em si mesma.¹⁷

1.7 Jorge Bergoglio, Papa Jesuíta

No dia 13 de fevereiro de 2013, quarta-feira de cinzas, dois dias que Bento XVI comunicara a própria renúncia, o cardeal Bergoglio pronunciou palavras de esperança pela situação da vacância papal, e em seguida disse ao povo, “*Por favor, peço-lhes que rezem por mim*”. No Conclave anterior, em de abril de 2005, Bergoglio e Ratzinger, possuíam as preferências dos cardeais, mas Bergoglio após quatro votações inconclusivas, pediu a todos os que o apoiavam que fizessem convergir seus votos para o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, no caso, Ratzinger o Papa Bento XVI.

Os cardeais se reúnem em 2013, para um inédito Conclave, com o predecessor ainda vivo, cercados de muitas hipóteses jornalísticas. Quatro votações sem resultado positivo. Depois, às 19h06 do dia 13 de março, a fumaça branca da chaminé sobre a Sistina anunciou a eleição do novo Papa, Jorge Mario Bergoglio: primeiro jesuíta na Cátedra de Pedro, primeiro Pontífice do continente americano, primeiro extra europeu após quase doze séculos (o último havia sido o sírio Gregório III, em 731).

Poucos minutos antes da “fumaça branca”, o mesmo cardeal Re tivera a tarefa de dirigir ao neo-eleito a pergunta acerca de qual nome teria escolhido e ouviu responder: “Francisco”. Deixando de lado o caso de João Paulo I, faz exatamente 1100 anos que não havia o novo nome na sequência dos Pontífices: é preciso remontar ao sabino Landão, eleito em 913. E jamais alguém assumira até o momento o nome do patrono da Itália nos quase oitocentos anos passados da sua morte, não obstante tenha havido quatro Pontífices franciscanos. E curioso também notar

¹⁷ GAETA, Saverio. *Papa Francisco - Vida e os desafios*; tradução Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013. 1ª edição, p. 27.

que o último Papa procedente dessa Ordem, Clemente XIV, aboliu em 1773 a Companhia de Jesus (a Ordem de pertença de Papa Francisco), cedendo às pressões das grandes potências europeias.¹⁸

Sobre a escolha do nome “Francisco”, Bergoglio, agora Papa Francisco, disse aos jornalistas no dia 16 de março: “Alguns pensavam em Francisco Xavier, em Francisco de Sales, também em Francisco de Assis. Eu lhes contarei a história. Na eleição, eu tinha ao meu lado o arcebispo emérito de São Paulo e também prefeito emérito da Congregação para o Clero, o cardeal Cláudio Hummes: um grande amigo, um grande amigo! Quando a coisa se tornava um tanto perigosa, ele me confortava.

E quando os votos chegaram a dois terços, em o costumeiro aplauso, porque foi eleito o Papa. E ele me abraçou, me beijou e me disse: Não te esqueças dos pobres! ” Papa Francisco prosseguiu: “E aquela palavra entrou aqui: os pobres, os pobres. Depois, logo, em relação aos pobres, pensei em Francisco de Assis. Depois, pensei nas guerras, enquanto o escrutínio prosseguia, até se esgotarem os votos. E Francisco é o homem da paz, o homem que ama e cuida da criação; neste momento também nós temos com a criação uma relação não muito boa, não é? É o homem que nos dá esse espírito de paz, o homem pobre”.

2. As Encíclicas Papais

A *Encíclica* é uma palavra que se origina do latim tardio *encyclīcus, a, um*, adaptado do grego *εγκύκλιος*, transl. *enkyklios*: (‘circular, que circula’) ou, mais propriamente, carta encíclica (do latim *litterae encyclīcae*). Pode-se dizer que encíclica é uma Circular. Já nos primeiros séculos da Igreja os Bispos escreviam cartas circulares aos seus irmãos no episcopado a respeito de assuntos doutrinários ou disciplinares.

O Papa Bento XIV (1740-1758) reavivou o costume, enviando “cartas circulares” a outros bispos. Estas cartas abordavam temas de doutrina, moral ou disciplina que afetavam toda a Igreja. Com Gregório XVI (1831-1846), o termo encíclica tornou-se de uso geral. Leão XIII (1878-1903) mudou a ênfase das encíclicas, o qual havia sido

¹⁸ GAETA, Saverio. *Papa Francisco - Vida e os desafios*; tradução Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013. 1ª edição, p. 31.

proeminentemente condenatório. Ele começou a esboçar uma ideia rápida, de forma positiva, de como a Igreja devia responder aos problemas concretos, especialmente no campo ético-social.

A abordagem inovadora de Leão XIII, popularizou as encíclicas como pontos de referência, não só para a doutrina Católica, mas também para muitos programas de ação. As encíclicas podem ser: Encíclicas doutrinárias, Encíclicas sociais, Encíclicas Exortatórias ou Encíclicas Disciplinares. A encíclica é uma comunicação escrita papal, um documento pontifício, dirigido aos bispos de todo o mundo e, por meio deles, a todos os fiéis. A encíclica é usada pelo Papa para exercer o seu magistério ordinário, podendo abordar: algum tema doutrinário ou moral; incentivar uma devoção; condenar erros; informar os fiéis sobre os perigos para a fé procedentes de correntes culturais, leis e etc.

Geralmente as encíclicas se dirigem aos Patriarcas, Arcebispos, Bispos, Presbíteros, Diáconos, *Filhos e Filhas da Igreja*, os fiéis. Somente no século XVIII, sob o pontificado de Bento XIV (1740-1758), a primeira encíclica da história foi assinada, ele publicou o texto “*Urbi primum*”, sobre a função dos bispos. A encíclica passou a ser entendida como em nossos dias, a saber: como a forma mais pessoal e espontânea pela qual o Papa exerce seu ministério de Pastor universal. As encíclicas, que constituem o corpo doutrinário que define a posição da Igreja católica sobre assuntos chave, nascem como 'cartas circulares' do Papa dirigidas a todos os bispos e fiéis sobre temas muito diferentes e sua versão oficial é sempre em latim. Muitas encíclicas serviram para denunciar erros e condenar tendências e movimentos, como o ateísmo, a maçonaria ou o modernismo.

A partir de Gregório XVI (1831-46), os Papas têm multiplicado as suas encíclicas, de modo que através delas se pode acompanhar a vida da Igreja. Trata de matéria doutrinária que define a posição da Igreja católica sobre assuntos chave, nascem como “cartas circulares” do Papa dirigidas a todos os bispos e fiéis sobre temas muito diferentes e sua versão oficial é sempre em latim.

Muitas encíclicas serviram para denunciar erros e condenar tendências e movimentos, como o ateísmo, a maçonaria ou o modernismo. Como também dirigidas em variados campos: fé, costumes, culto, doutrina social, etc. A matéria nela contida não é

formalmente objeto de fé. Mas, a ela, se deve o religioso obséquio do assentimento exterior e interior. Logo, uma “encíclica não define, e nem altera um dogma, mas atualiza a doutrina católica através de um ensinamento ou um tema da atualidade e é vista como a posição da Igreja Católica sobre um determinado tema. Normalmente, uma encíclica é designada pelas suas primeiras palavras a partir do texto em latim”.

2.1 As Encíclicas na História

No decorrer dos últimos séculos, foram escritas e publicadas pela Igreja Católica um total de 297 encíclicas. Algumas marcaram a história da humanidade, como “*Rerum novarum*”, publicada por Leão XIII em 1891, na época da revolução industrial, denunciava as condições desumanas de trabalho da classe operária daquele período. A importância desta encíclica, ocasionou um grande impacto político, que transformou as relações de trabalho no mundo. A Igreja Católica, através da *Rerum novarum* do Papa Leão XIII, respondeu o problema da exploração vivida pela classe operária. A encíclica buscava através da justiça os direitos dos trabalhadores. A *Rerum novarum*, influenciou o diálogo entre o Estado, Igreja, trabalhadores e empresários, resultando na elaboração da “Carta Magna do Trabalho”. “[...]. É desumano abusar dos homens, como se fossem coisas, para tirar proveito deles[...]”.

Algumas encíclicas¹⁹:

“*Rerum Novarum*” (Papa Leão XIII), sobre a questão operária; “*Non abbiamo bisogno*” (Pio XI) sobre o fascismo; “*Mit brennender Sorge*” (Pio XI) sobre o nacional-socialismo; “*Divinis Redemptoris*” (Pio XI) Sobre o Comunismo (Socialismo); “*Casti Connubii*” (Papa Pio XI) sobre a moral conjugal; “*Mediator Dei*” (Papa Pio XII) sobre Liturgia; “*Humani Generis*” (Papa Pio XII) sobre alguns erros que ameaçam a fé; “*Mater et Magistra*” (João XXIII), sobre a questão social à luz da doutrina cristã; “*Populorum Progressio*” (Paulo VI), sobre a cooperação entre os povos e os problemas dos países pobres; “*Redemptor Hominis*” (João Paulo II), 1ª Encíclica de João Paulo II; “*Laborem Exercens*” (Papa João Paulo II)

¹⁹ PARACLITUS. Disponível em: <http://www.paraclitus.com.br/category/magisterio/Encíclicas-papais/>

sobre o trabalho humano; “*Fides et Ratio*” (Papa João Paulo II) sobre as relações entre fé e razão; “*Deus Caritas est*” (Bento XVI), sobre o Amor Cristão; “*Spe salvi*” (Bento XVI), sobre a Esperança Cristã; “*Caritas in Veritate*” (Bento XVI), sobre o desenvolvimento humano na Caridade. O Papa Francisco escreveu, até o momento, as encíclicas “*Lumen Fidei*” e “*Laudato Si*”.²⁰

A encíclica é redigida em latim, e comumente acompanhada de uma tradução italiana. O nome das encíclicas é formado por duas ou três palavras iniciais. A importância das encíclicas papais é atribuída conforme a orientação do Papa Pio XII, em sua encíclica “*Humani generis*” de 12 de agosto de 1950: “Não se deve julgar que o que vem proposto nas encíclicas não exige assentimento, sob o pretexto de que os Papas aí não exercem o supremo poder do seu magistério”. As cartas encíclicas têm formalmente o valor de ensino dirigido à Igreja Universal.

No entanto, quando tratam de questões políticas, econômicas ou sociais, são dirigidas, normalmente, não só aos católicos, mas também a todas as pessoas, prática que foi iniciada pelo Papa João XXIII com a sua encíclica *Pacem in terris* (1963). Em alguns casos, como o da encíclica *Veritatis Splendor* (1993) de João Paulo II, o Papa só inclui os Bispos na sua saudação de abertura, ainda que pretenda que a encíclica sirva de instrução a todos os fiéis, isto ocorre porque os Bispos são os Pastores que ensinam aos fiéis à doutrina. Quase todos os pontífices da era moderna escreveram várias encíclicas, entre eles:

Leão XIII (1878-1903), que escreveu 86. É seguido por Pio XII (1939-1958) com 41, Pio IX (1846-1878) com 38 e Pio XI (1922-1939) com 32. Pio X (1903-1914) assinou 16, Bento XIV (1740-1758) escreveu 13, Bento XV (1914-1922) redigiu 12, João XXIII (1958-1963) foi autor de oito encíclicas e Paulo VI (1963-1978) publicou sete. O falecido João Paulo II escreveu apenas 14 encíclicas de 1978 a 2005, entre elas “*Redemptor hominis*”, em 1979, sobre o Cristo Redentor e a dignidade do homem, consagrada à defesa dos direitos humanos. Entre as encíclicas memoráveis figuram “*Pacem in terris*” (“Paz na terra”), de João XXIII, escrita em 1963, que pedia a paz entre todas as nações e condenava a corrida armamentista, em meio à chamada Guerra Fria. “É impossível pensar que a era atômica, a

²⁰ VATICAN. Disponível em: http://www.vatican.va/offices/papal_docs_list_po.html

guerra podia ser utilizada como instrumento de justiça”, sustentava João XXIII. Outra encíclica papal de cunho social foi a de Paulo VI “*Populorum progressio*”, publicada em 1967, sobre o progresso dos povos, na qual a Igreja reconhecia que apenas com o desenvolvimento social é possível alcançar a paz entre os povos. A terceira encíclica de Bento XVI, “*Caritas in veritate*”, se entrelaça com a “*Populorum Progressio*” (1967) de Paulo VI e com a “*Centesimus Annus*” (1991) de João Paulo II, dedicadas a examinar a globalização. Nela o papa alemão convocou o mundo, no início do terceiro milênio, a governar a globalização com ética e a criar uma nova e verdadeira autoridade política mundial baseada na solidariedade e na caridade. A primeira encíclica do papa argentino Francisco, “*Lumen Fidei*” (“A luz da fé”), que é lançada quatro meses depois de sua eleição, foi iniciada por seu antecessor, o papa emérito Bento XVI, o primeiro a renunciar ao trono de Pedro em sete séculos, e é a primeira da história escrita por dois pontífices.²¹

Encíclicas históricas: “*Diu satis*” (15 de maio de 1800) - Pio VII, recomenda aos bispos que se esforcem para manter a unidade da igreja, ameaçada por questões políticas. “*Mirari vos*” (15 de agosto de 1832) - Gregório XVI, combate os “principais erros dos tempos modernos”. Assinala, especialmente, as tentativas de cisma, a liberdade de consciência e a liberdade de imprensa. “*Nostis et nobiscum*” (8 de dezembro de 1849) - Pio IX, expõe e condena os princípios das doutrinas comunistas e socialistas. “*Quanto conficiamur*” (10 de agosto de 1863) - Pio IX, afirma a legitimidade dos direitos tradicionais da Santa Sé. “*Quanta cura*” (8 de dezembro de 1864) - Pio IX, condena as teorias de liberdade de culto e de imprensa, enquanto se fundarem no princípio do naturalismo, que, para ele, afasta a religião das pessoas. “*Immortale Dei*” (1885) - Leão XIII, sobre a sociedade civil. “*Rerum novarum*” (1891) - Leão XIII explica as bases da doutrina social da igreja, uma sociedade industrializada e condena a tendência dos Estados modernos de usurpar os direitos do indivíduo. Aconselha, no entanto, a proteção pelo Estado dos interesses da classe assalariada.

²¹ <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/as-enciclicas-pontificias-que-marcaram-a-historia.html>

“*Providentissimus Deus*” (1893) - Leão XIII, sobre os estudos bíblicos. “*Pascendi*” (1907) - Pio X, condena um movimento conhecido como Modernismo Católico, com seguidores em Itália, França, Alemanha e Espanha que interpreta as ideias católicas em termos de pensamento contemporâneo. “*Divini illius magistri*” (1929) - Pio XI, sobre a educação da juventude. “*Casti connubii*” (1930) - Pio XI, sobre o casamento. “*Humanae vitae*” (25 de julho de 1968) - Paulo VI, condena todas as formas artificiais de controle da natalidade, em especial o uso de anticoncepcionais. A encíclica aborda também a questão do casamento e do amor conjugal.

“*Redemptor hominis*” (4 de março de 1979) - João Paulo II, lança a primeira encíclica de seu pontificado e reforça a necessidade da ortodoxia doutrinária e do celibato sacerdotal. “*Sollicitudo rei socialis*” (fevereiro de 1988) - João Paulo II, refuta a violência como forma de sanar a injustiça social. “*Evangelium vitae*” (30 de março de 1995) - João Paulo II, condena, em suas 198 páginas, todas formas classificadas como “cultura da morte”. Reafirma a condenação do aborto e da eutanásia e critica o uso do preservativo como meio de contracepção.²²

3. Ecologia e suas definições

A ecologia (originalmente em alemão: *Ökologie*) foi definida pela primeira vez em 1866 por *Ernst Haeckel*,²³ um entusiasta e influente discípulo de *Charles Darwin*.²⁴ Segundo ele, a ecologia era “a ciência capaz de compreender a relação do organismo com o seu ambiente”. O espírito dessa definição é muito claro em uma primeira discussão de subdisciplinas biológicas por *Burdon-Sanderson*²⁵ (1893), em que ecologia é “a ciência que se ocupa das relações externas de plantas e animais entre si e com as condições

²² <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/papa-enciclica.shtml>

²³ Ernst Heinrich Philipp August Haeckel (Nasceu em Potsdam, na Prússia, Alemanha, 16 de fevereiro de 1834 - Morreu em Jena, 9 de agosto de 1919) foi um biólogo, naturalista, filósofo, médico, professor e artista alemão que ajudou a popularizar o trabalho de Charles Darwin e um dos grandes expoentes do cientificismo positivista.

²⁴ Charles Robert Darwin (Nasceu em Shrewsbury, 12 de fevereiro de 1809 - Morreu em Downe, Kent, 19 de abril de 1882) foi um naturalista britânico que alcançou fama ao convencer a comunidade científica da ocorrência da evolução e propor uma teoria para explicar como ela se dá por meio da seleção natural e sexual. Esta teoria culminou no que é, agora, considerado o paradigma central para explicação de diversos fenômenos na biologia.

²⁵ John Scott Burdon-Sanderson (Nasceu em 21 de dezembro de 1828 - Morreu Oxford, 23 de novembro de 1905) foi um fisiologista inglês.

passadas e presentes de suas existências”, por comparação com a fisiologia (relações internas) e a morfologia (estrutura), para muitos, tais definições têm resistido ao teste do tempo. Assim, *Ricklefs*²⁶ (1973), em seu livro-texto, define ecologia como “o estudo do ambiente natural, particularmente às relações entre organismos e suas adjacências. ”

Nos anos seguintes a *Haeckel*, a ecologia vegetal e a ecologia animal começaram a ser tratadas separadamente. Em obras influentes, a ecologia foi definida como “aquelas relações de plantas, com seu entorno e entre elas, que dependem diretamente de diferenças de habitats entre plantas” (*Tansley*,²⁷ 1904), ou como a ciência “principalmente relacionada com o que pode ser chamado de sociologia e economia de animais, e não com a estrutura e outras adaptações que eles apresentam” (*Elton*, 1927). Contudo, há muito tempo botânicos e zoólogos concordam que têm um caminho comum e que suas diferenças precisam ser harmonizadas.

No entanto, existe algo vago sobre muitas definições de ecologia que parecem sugerir que ela consiste em todos aqueles aspectos da biologia que não são nem fisiologia nem morfologia. Por consequência, em busca de algo mais focado, *Andrewartha* ²⁸(1961) definiu ecologia como “O estudo científico da distribuição e abundância de organismos”, e *Krebs*²⁹ (1972) lamenta que o papel central das “relações” tenha sido perdido, modificando-o para “o estudo científico das interações que determinam a distribuição e abundância de organismos” esclarecendo que a ecologia estava preocupada com questões como “onde os organismos são encontrados, quantos ocorrem em determinado local e por quê”. Assim, a ecologia pode ser mais bem definida como: O estudo científico da

²⁶ Robert Eric Ricklefs, nascido em 1943, formou-se com um Bacharel em Ciências pela Universidade de Stanford em 1963 e um Ph.D. Da Universidade da Pensilvânia em 1967. Completou um ano como candidato pós-doutorado no Smithsonian Tropical Research Institute antes de ocupar um cargo de faculdade na Universidade da Pensilvânia. Ele foi o destinatário de 1982 do Prêmio Memorial William Brewster da American Ornithologists' Union, o prêmio mais prestigiado do sindicato atribuído anualmente para um trabalho excepcional sobre aves do Hemisfério Ocidental.

²⁷ Arthur George Tansley (15 de agosto de 1871 – 25 de novembro de 1955) foi um botânico inglês, pioneiro na ecologia vegetal.

²⁸ Herbert George Andrewartha (Nasceu em 21 de dezembro de 1907 – Morreu em 27 de janeiro de 1992) foi um cientista de pesquisa australiano, distinto nos campos de entomologia, biologia, zoologia e ecologia animal.

²⁹ Hans Adolf Krebs (Nasceu em Hildesheim, 25 de agosto de 1900 - Morreu em Oxford, 22 de novembro de 1981), foi um biólogo, médico e químico alemão.

distribuição e abundância de organismos e das interações que determinam a distribuição e abundância.³⁰

A Ecologia, portanto, é o estudo científico da distribuição e abundância de organismos e das interações que determinam a distribuição e abundância. As relações entre os seres vivos do ecossistema também influenciam na distribuição e abundância deles próprios. Como exemplo, incluem-se a competição pelo espaço, pelo alimento ou por parceiros para a reprodução, a predação de organismos por outros, a simbiose entre diferentes espécies que cooperam para a sua mútua sobrevivência, o comensalismo, o parasitismo e outras.

A maior compreensão dos conceitos ecológicos e da verificação das alterações de vários ecossistemas pelo homem levou ao conceito da *Ecologia Humana* que estuda as relações entre o homem e a biosfera, principalmente do ponto de vista da manutenção da sua saúde, não só física, mas também social. Com o passar do tempo surgiram também os conceitos de conservação que se impuseram na atuação dos governos, quer através das ações de regulamentação do uso do ambiente natural e das suas espécies, quer através de várias organizações ambientalistas que promovem a disseminação do conhecimento sobre estas interações entre o homem e a biosfera. Há muitas aplicações práticas da ecologia, como a biologia da conservação, gestão de zonas úmidas, gestão de recursos naturais (agricultura, silvicultura e pesca), planejamento da cidade e aplicações na economia.

3.1 Ecologia na História

A Ecologia tem uma complexa origem, em grande parte devido a sua natureza multidisciplinar. Os antigos filósofos da Grécia, incluindo *Hipócrates* e *Aristóteles*, foram os primeiros a registrar observações sobre história natural. No entanto, os filósofos da Grécia Antiga consideravam a vida como um elemento estático, não existindo a noção de adaptação. Tópicos mais familiares do contexto moderno, incluindo cadeias alimentares, regulação populacional e produtividade, não foram desenvolvidos antes de

³⁰ TOWNSEND, Colin R., BEGON, Michael, HARPER, John L. *Fundamentos em Ecologia*. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2008. 3ª edição.

1700. Os primeiros trabalhos foram do microscopista *Anton van Leeuwenhoek*³¹ (1632 - 1723) e do botânico *Richard Bradley*³² (1688-1732). O biogeógrafo *Alexander von Humboldt*³³ (1769 - 1859) foi outro pioneiro do pensamento ecológico, um dos primeiros a reconhecer gradientes ecológicos e fazer alusão às relações entre espécies e área.

No início do século XX, a ecologia foi uma forma analítica de história natural. Seguindo a tradição de *Aristóteles*, a natureza descritiva da história natural examina a interação dos organismos com o seu meio ambiente e suas comunidades. Historiadores naturais, incluindo *James Hutton*³⁴ e *Jean-Baptiste de Lamarck*³⁵, contribuíram com obras significativas que lançaram as bases das modernas ciências ecológicas.

Não há consenso sobre quem foi o fundador da teoria ecológica moderna. Alguns marcam a definição de *Haeckel* como o início, outros atribuem a *Eugenius*³⁶. A ecologia pode também ter começado com *Carl Linnaeus*³⁷, principal pesquisador da economia da natureza no início do século XVIII. Ele fundou um ramo de estudo ecológico que chamou de economia da natureza. Os trabalhos de *Linnaeus* influenciaram *Darwin* no *The Origin of Species* onde adota a frase de *Linnaeus* “economia ou política da natureza.” *Linnaeus* foi o primeiro a enquadrar “o equilíbrio da natureza”, como uma hipótese testável. *Haeckel*, que admirava o trabalho de *Darwin*, definiu ecologia com base na economia da

³¹ Anton Van Leeuwenhoek, (nascido em 24 de outubro de 1632, Delft, Holanda morreu 26 de agosto de 1723, Delft), microscopista holandês, foi o primeiro a observar bactérias e protozoários.

³² Richard Bradley (Nasceu em 1688 - Morreu em Cambridge, 5 de novembro de 1732) foi um naturalista e botânico britânico.

³³ Friedrich Wilhelm Heinrich Alexander von Humboldt, o barão de Humboldt (Nasceu em Berlim, Reino da Prússia, 14 de setembro de 1769 – Morreu em Berlim, Reino da Prússia, 6 de maio de 1859), mais conhecido como Alexander von Humboldt, foi um geógrafo, naturalista e explorador.

³⁴ James Hutton (Nasceu em Edimburgo, 14 de junho de 1726 – Morreu em 26 de março de 1797) foi um geólogo, químico e naturalista escocês, conhecido por ser o pai do uniformitarismo e do plutonismo. Pelo seu trabalho pioneiro na interpretação dos processos geológicos é considerado como o pai da geologia moderna.

³⁵ Jean-Baptiste Pierre Antoine de Monet, Chevalier de Lamarck (Nasceu em Bazentin, 1 de agosto de 1744 – Morreu em Paris, 28 de dezembro de 1829) foi um naturalista francês que desenvolveu a teoria dos caracteres adquiridos, uma teoria da evolução agora desacreditada. Lamarck personificou as ideias pré-darwinistas sobre a evolução.

³⁶ Johannes Eugenius Bülow Warming (Nasceu em Mando, 3 de novembro de 1841 – Morreu em Copenhague, 2 de abril de 1924), mais conhecido como Eugenius Warming foi um botânico dinamarquês. Professor na Universidade de Copenhague, foi diretor do Jardim Botânico da mesma cidade. Seu livro *Oecology of plants* é considerado um dos fundadores da Ecologia vegetal.

³⁷ Carl Nilsson Linnaeus (Nasceu em Rashult, Kronoberg, 23 de maio de 1707 – Morreu em Uppsala, 10 de janeiro de 1778) foi um botânico, zoólogo e médico sueco, criador da nomenclatura binomial e da classificação científica, sendo assim considerado o “pai da taxonomia moderna”.

natureza, o que levou alguns a questionar se a ecologia é sinônimo dos conceitos de *Linnaeus* para a economia da natureza.

A síntese moderna da ecologia é uma ciência jovem, que substancial atenção formal no final do século XIX e tornando-se ainda mais popular durante os movimentos ambientais da *década* de 1960, embora muitas observações, interpretações e descobertas relacionadas a ecologia estendem-se desde o início dos estudos da história natural. Por exemplo, o conceito de balanço ou regulação da natureza pode ser rastreado até *Heródoto* (morto em 425 a.C.), que descreveu mutualismo no Rio Nilo, quando crocodilos abrem a boca permitindo escolopacídeos (aves) remover sanguessugas.

Contribuições mais ampla para o desenvolvimento histórico das ciências ecológicas, *Aristóteles* é considerado um dos primeiros naturalistas que teve um papel influente no desenvolvimento filosófico das ciências ecológicas. Um dos alunos de *Aristóteles*, *Teofrasto*, fez observações ecológicas sobre plantas e postulava uma postura filosófica sobre as relações autônomas entre as plantas e seu ambiente, que está mais na linha com o pensamento ecológico moderno. Tanto *Aristóteles* e *Teofrasto* fizeram observações detalhadas sobre as migrações de plantas e animais, biogeografia, fisiologia e seus hábitos no que poderia ser considerado um análogo do nicho ecológico moderno. *Hipócrates*, outro filósofo grego, também é creditado com referência a temas ecológicos em seus primeiros desenvolvimentos.

De *Aristóteles* a *Darwin* o mundo natural, predominantemente, foi considerado estático e sem mudanças desde criação original. Antes do livro *The Origin of Species* teve pouca valorização ou entendimento das dinâmicas relações entre os organismos e suas adaptações e modificações relacionadas ao meio ambiente. Enquanto *Charles Darwin* é o mais conhecido por seus trabalhos em evolução, ele é também um dos fundadores de ecologia de solo. Em *The Origin of Species Darwin* faz nota a o primeiro experimento ecológico publicado em 1816. Na ciência que antecederam a *Darwin* a noção de evolução das espécies foi ganhando apoio popular. Este paradigma científico mudou a maneira que os pesquisadores se aproximaram das ciências ecológicas.

Alguns sugerem que o primeiro texto ecológico (*Natural History of Selborne*) foi publicado em 1789, por *Gilbert White*³⁸ (1720–1793). O primeiro livro ecológico da América foi publicado em 1905 por *Frederic Edward Clements*³⁹. No livro, *Clements* passa a ideia que as comunidades de plantas são como superorganismos. Essa publicação lança o debate entre o holismo ecológico e individualismo que durou até a década de 1970. O conceito de *Clements* para superorganismo propõem quem os ecossistemas progridem por um regulado e determinado estágio de desenvolvimento, análogo ao estágio de desenvolvimento de um organismo, cujas partes função para manter a integridade do todo.

O paradigma de *Clements* foi desafiado por *Henry Gleason*⁴⁰. De acordo com *Gleason*, comunidades ecológicas se desenvolvem a partir da associação única de organismos individuais. Essa mudança de percepção colocado o foco para as histórias de vida de organismos individuais e como isso se relaciona com o desenvolvimento de comunidades. A teoria de superorganismo de *Clements* não foi completamente rejeitada, mas alguns sugerem que ela foi uma aplicação além do limite do holismo. Holismo continua a ser uma parte crítica da fundamentação teórica contemporânea em estudos ecológicos. Holismo foi primeiro introduzido em 1926 por uma polarizada figura histórica, um general da África do Sul chamado *Jan Christian Smuts*⁴¹. *Smuts* foi inspirado pela teoria de superorganismo de *Clements* e desenvolveu e publicou o conceito de holismo, que contrasta com a visão política do seu pai sobre o *Apartheid*.

³⁸ Gilbert White (Nasceu em Selborne, Hampshire, 18 de julho de 1720 – Morreu em 26 de junho de 1793) foi um naturalista e ornitólogo britânico. White é sobretudo conhecido pelo seu trabalho *The Natural History and Antiquities of Selborne*, que é um dos livros mais frequentemente publicados em língua inglesa.

³⁹ Frederic Edward Clements (Nasceu em Lincoln, Nebraska, 16 de setembro de 1874 – Morreu em Santa Bárbara, Califórnia, 26 de julho de 1945) foi um botânico estadunidense. Seus estudos sobre ecologia vegetal foram fundadores da ecologia de comunidades.

⁴⁰ Henry Allan Gleason (1882-1975) foi um notável ecologista, botânico e taxonômico americano, conhecido por seu endosso ao conceito individualista ou aberto da comunidade de sucessão ecológica e sua oposição ao conceito de Frederic Clements sobre o estado climático de um ecossistema. Suas ideias foram largamente descartadas durante sua vida profissional, levando-o a se mudar para a taxonomia das plantas.

⁴¹ Jan Christiaan Smuts (Nasceu em Malmesbury, 24 de maio de 1870 – Morreu em Irene, 11 de setembro de 1950) foi um proeminente estadista e soldado da África do Sul. Foi primeiro-ministro da África do Sul de 1919 a 1924 e de 1939 a 1948. Era também Marechal, um advogado e intelectual.

Quase ao mesmo tempo, *Charles Elton*⁴² pioneiro no conceito de cadeias alimentares no livro “*Animal Ecology*”. *Elton* definiu relações ecológicas usando conceitos de cadeias alimentares, ciclos de alimentos, o tamanho de alimentos, e descreveu as relações numéricas entre os diferentes grupos funcionais e suas relativas abundâncias; “ciclos alimentares” foram substituídos por “teias tróficas” em posteriores textos ecológicos um texto posterior ecológico. Ecologia desenvolveu-se em muitas nações, incluindo na Rússia com *Vladimir Vernadsky*⁴³ que fundou o conceito de biosfera na década de 1920 ou Japão com *Kinji Imanishi*⁴⁴ e seu conceito de harmonia na natureza e segregação de habitat na década de 1950. O reconhecimento científico ou a importância das contribuições para a ecologia de outras culturas é dificultada por barreiras linguísticas e de tradução.

⁴² Charles Sutherland Elton (29 de março de 1900 - 1 de maio de 1991) foi um zoologista inglês e ecologista animal. Seu nome está associado ao estabelecimento da população moderna e da ecologia da comunidade, incluindo estudos de organismos invasivos.

⁴³ Vladimir Ivanovich Vernadsky (Nasceu em São Petersburgo, 28 de fevereiro de 1863 – Morreu em Moscou, 6 de janeiro de 1945) foi um mineralogista e geoquímico russo, cujas ideias de noosfera foram uma contribuição fundamental para o cosmismo russo.

⁴⁴ Kinji Imanishi (6 de janeiro, 1902 - 15 junho, 1992) foi um ecologista japonês e antropólogo. Fundador do Instituto de Pesquisa sobre primatas da Universidade de Kyoto, e juntamente com Junichiro Itani é considerado o fundador da primatologia japonesa.

Capítulo II

Uma Ecologia Integral, a luz da *Laudato Si'*

Este capítulo, subdivide-se em duas partes, a primeira parte discorre sobre o assunto de como a ecologia é vista pela teologia, a segunda parte, apresenta um estudo do capítulo IV da *Encíclica Laudato Si'*, *Uma Ecologia Integral*.

A primeira parte elabora o conceito da Ecologia na Teologia, perpassando pela da história da humanidade. Inicia-se num primeiro momento, um paralelo teológico e filosófico, e sua similitude sobre o conceito da ecologia, depois, a questão do pondo de vista bíblico, e subsequente, a perspectiva do período humanístico no pensamento de Francis Bacon, concluindo com o pensamento dos contemporâneos, em especial o pensamento do teólogo Leonardo Boff.

O segundo momento, aborda uma reflexão em torno da escolha de Bergoglio, para o uso do nome Papa Francisco em seu pontificado, o que isto significa em relação ao cuidado com casa comum, uma vez que, São Francisco de Assis era um amante das criaturas, até que ponto pode inspirar o Papa em relação a defesa da integralidade da vida.

A segunda parte, sobre o estudo do capítulo IV da *Encíclica Laudato Si'*, *Uma Ecologia Integral*, subdivide-se em cinco tópicos. O primeiro, aborda a questão sobre a ecologia ambiental, econômica e social, trata-se de uma introdução sobre o conceito da ecologia humana. O segundo tópico, a ecologia cultural, enfatiza que a atenção ecológica, deve estar focada também nas riquezas culturas locais. O terceiro, a ecologia da vida cotidiana, aponta que o problema ecológico é reflexo do problema humano, ou seja, a exclusão social afeta diretamente o meio ambiente.

O quarto tópico, trata-se do princípio do bem comum, ou seja, o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Finaliza-se com o quinto tópico, sobre a justiça intergeracional, no caso, a preocupação com as gerações futuras, sobre a questão do problema ecológico.

1. A Ecologia na Teologia

O conceito da Ecologia na Teologia aproxima-se do ponto de vista filosófico, religioso ou ético, no qual, o dado primeiro dos ecossistemas leva a reflexões que insistem no valor próprio e na interdependência de todos os seres vivos da natureza. Uma vez que, para a ciência a ecologia é o estudo da natureza, a ecosfera, tomada como um todo em que todas as realidades, inclusive os homens, no caso, os ecossistemas, dependem umas das outras. Está surgindo a consciência de que a intervenção humana desconhece e destrói a interdependência e a autonomia dos ecossistemas naturais, e torna-se responsável por uma crise ecológica mundial que põe em perigo a natureza.

Sobremaneira, faz-se necessário a criação de uma interpretação teológica-ética-ecológica, capaz de criticar e repensar ao mesmo tempo a visão cristã do lugar do homem na criação e sua responsabilidade para com as outras criaturas. Os teólogos no início da modernidade, interpretava a Bíblia influenciados pelas ideias aristotélicas e estoicas, no entanto, a narrativa do Gênesis, aponta que a criação de Deus está submetida a dominação do homem. Dominar para o homem, significava possuir o direito de se servir de todas as criaturas para seus fins.

Este pensamento foi duramente refutado por muitos críticos, que culpavam a Bíblia de ser a origem ideológica da exploração da natureza, consequentemente, do surgimento da crise ecológica atual. Críticas um tanto desnecessária, uma vez que, na época, a exploração da natureza pelo homem era feita de maneira arcaica e limitada. Não passava pela cabeça de nenhum teólogo que a “dominação” no futuro abriria a possibilidade do homem explorar a natureza completamente. Além disso, a ideia de que o mundo existe para o homem, era corrigida pela ideia mesma da criação, que fazia dos homens, criaturas de Deus ao lado das outras.

Os teólogos eram contra o projeto moderno de domínio tecnológico da natureza, no qual possibilitou, a capacidade e o direito da humanidade de transformar a natureza a seu bel-prazer. O surgimento deste novo comportamento, contou com a influência do pensamento humanista renascentista de *Francis Bacon* (1561-1626). Entretanto, neste período, todo sentido de limitação próprio à criatura desapareceu em benefício de uma aspiração sem limites, de dominar e de criar.

O Renascimento fornece assim a visão que inspirou o projeto moderno da natureza, mas é a *Bacon* que se deve o fato de ter tirado do Gênesis o programa de um empreendimento científico e técnico, segundo o qual o domínio das leis da natureza devia permitir submetê-la inteiramente às necessidades dos homens.⁴⁵

Entretanto, não é a única maneira de conceber o papel do homem no universo, uma vez que, na Igreja medieval, aparece outra concepção, por exemplo, nos textos hagiográficos que pintam homens vivendo em harmonia paradisíaca com todas as criaturas, num simbolismo escatológico impressionante. A questão de domínio, apresenta um governar com sabedoria, conforme o pensamento de Francisco de Assis (1181-1226) e no *Cântico das criaturas*.

Na Inglaterra, no século XVII, já se pensava que o do homem era o intendente da criação e que, os homens receberam a missão de gerir a obra de Deus em seu nome, e são responsáveis diante dele pela maneira como o fazem, no entanto, esta ideia influenciou o pensamento contemporâneo de (Wilkinson 1980, por exemplo). A criação não pode ser objeto só de utilidade para os homens. Um grupo de teólogos ecologistas, afirmam que a humanidade tem tão pouca importância no universo, que isso deve limitar toda noção de um reinado sobre a criação.

Enquanto, outro grupo de teólogos, afirmam que, a natureza tem necessidade da intervenção ativa do homem. Entretanto, há variações recentes sobre esse tema, por exemplo, os homens sacerdotes da criação, e permitindo que essa última seja para o louvor de Deus (Gunton 1992, por exemplo), ou servos da criação, participando do papel salutar de Cristo que livra a criação de sua opressão pelo homem. A substituição da ideia de dominação hierárquica pela de inter-relação ecológica é um caminho recente traçado pela teologia atual, no qual tenta pensar as relações de Deus, dos homens e do resto do mundo.

⁴⁵ LACOSTE, Jean-Yves (Coord.): MENESES, Paul (tradutor): *Dicionário crítico de teologia*; São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004. p. 592-594.

Como referência verifica-se na teologia cristológica e pneumatológica de *Moltmann* (1985, 1989), como também, nas teologias ecofeministas, para as quais a dominação da natureza é um aspecto do patriarcado (por exemplo, *Ruether* 1993), ou de espiritualidades da criação como as de *Matthew Fox* (1988) ou de *Thomas Berry* (*Berry e Swimme* 1992). Finalizando, verifica-se que as reflexões que tentam superar o antropocentrismo voltando à noção de “respeito à vida” de *Albert Schweitzer* (1885-1965) (por exemplo, *L. K. Daly*, in *Birch et al.* 1990).

Tentou-se mesmo mostrar que o valor intrínseco das criaturas não humanas obriga não somente os homens a reconhecer sua responsabilidade para com elas, mas supõe também que há direitos dos animais (por exemplo, *Linzey* 1994), ou mesmo de todos os participantes da ecosfera (*Moltmann* 1989).⁴⁶

Conforme Leonardo Boff, a compreensão da ecologia surgiu com o seu primeiro formulador, *Ernst Haeckel* (1834 - 1919), a ecologia é o estudo do inte-retro-relacionamento de todos os sistemas vivos e não vivos entre si e com o seu meio ambiente (cf. *Allgemeine Entwicklungsgeschichte der Organismen*. Berlim, 1868). Para a teologia, a ecologia, não estuda apenas o meio ambiente ou os seres bióticos (vivos) ou abióticos (inertes) em si mesmos, porque, a singularidade do discurso ecológico não está no estudo de um ou de outro campo, tomados em si mesmos, mas na interação e na inter-relação entre eles.

Em 1800, o dinamarquês *Jens Baggesen*, já pensava nesta inter-relação, assim como no discurso biológico de *Jakob von Uexküll* (1864 - 1944), ou seja, o que se visa não é o meio ambiente, mas o ambiente inteiro, porque, um ser vivo não pode ser visto isoladamente como um mero representante de sua espécie, mas deve ser visto e analisado sempre em relação ao conjunto das condições vitais que o constituem e no equilíbrio com todos os demais representantes da comunidade dos viventes em presença (biota e biocenose). No entanto, a ciência deixou os laboratórios e se inseriu organicamente na

⁴⁶ LACOSTE, Jean-Yves (Coord.); MENESES, Paul (tradutor): *Dicionário crítico de teologia*; São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004. p. 592-594.

natureza, e passou a observar que tudo convive com tudo, e forma uma imensa comunidade ecológica.

Importa recuperar uma visão global da natureza e dentro dela as espécies e seus representantes individuais, especialmente o ser humano e também a sociedade. Portanto, a ecologia é um saber das relações, interconexões, interdependências e intercâmbios de tudo com tudo em todos os pontos e em todos os momentos. Nessa perspectiva, a ecologia não pode ser definida em si mesma, fora de suas implicações com outros saberes. Ela não é um saber de objetos de conhecimento, mas de relações entre os objetos de conhecimento. Ela é um saber de saberes, entre si relacionados.⁴⁷

A ecologia trata-se de relações articuladas entre as direções dos saberes, sobre a forma como todos os seres dependem uns dos outros, constituindo a teia imensa de interdependências entre eles. Trata-se de um grande sistema homeostático, que significa um grande sistema equilibrado e autorregulado. Entretanto, ela não substitui os saberes particulares com os seus paradigmas específicos, seus métodos e seus resultados, como a Física, a Geologia, a Oceanografia, a Biologia, a Termodinâmica, a Biogenética, a Zoologia, a Antropologia, a Astronáutica e a Cosmologia.

Todas as ciências promovem a ecológicação de todos os saberes. A singularidade do saber ecológico consiste na transversalidade, quer dizer, no relacionar pelos lados (comunidade ecológica), para frente (futuro), para trás (passado) e para dentro (complexidade) todas as experiências e todas as formas de compreensão como complementares e úteis no nosso conhecimento do universo, nossa funcionalidade dentro dele e na solidariedade cósmica que nos une. Para Leonardo Boff, este procedimento resulta o holismo (*holos* em grego significa totalidade). Neste caso, surge uma totalidade orgânica e aberta da realidade com seus específicos saberes, abre-se para uma questão nova, na qual, a ecologia dá corpo a uma preocupação ética, também cobrada de todos os

⁴⁷ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra* / Leonardo Boff; Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 1ª edição, p. 13 a 21.

saberes, poderes e instituições: Em que medida cada um colabora na salvaguarda da natureza ameaçada?

Em que medida cada saber incorpora o ecológico, não como um tema a mais em sua disquisição, deixando inquestionada sua metodologia específica, mas em que medida cada saber se redefine a partir da indagação ecológica e aí se constitui num fator homeostático, vale dizer, fator de equilíbrio ecológico, dinâmico e criativo. Mais do que dispor da realidade ao seu bel-prazer ou dominar dimensões da natureza, o ser humano deve aprender o manejo ou o trato da natureza, obedecendo à lógica da própria natureza ou, partindo do interior dela, potenciar o que já se encontra seminalmente dentro dela. Sempre numa perspectiva de uma ciência com consciência e preservação e ulterior desenvolvimento da natureza.⁴⁸

A natureza é nossa casa comum, a ecologia pode ser chamada também de economia doméstica. A ética permite um novo sentido de responsabilidade para com a criação, e a ecologia deixou seu primeiro estágio na forma de movimento verde ou de proteção e conservação de espécies em extinção. Surge neste cenário uma crítica radical do tipo de civilização que construímos, que é altamente energívoro e destruturador de todos os ecossistemas. O argumento ecológico grita pela qualidade de vida, à vida humana no mundo e à salvaguarda ou ameaça da totalidade planetária ou cosmológica.

Mais do que uma técnica de administração de bens e serviços escassos, é uma arte, uma nova forma de relação para com a Terra, a natureza, a vida e o nosso futuro (cf. BOFF, L. *As quatro ecologias: ambiental, social, mental e integral*. Petrópolis, 2012 [DVD]). Esta evocação da ecologia pretende ser uma via de redenção. Como sobreviver juntos, seres humanos, natureza e Terra, pois temos uma mesma origem e um mesmo destino comum? Como salvaguardar o criado em justiça, participação, integridade e paz? ⁴⁹

⁴⁸ BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra / Leonardo Boff*; Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 1ª edição, p. 13 a 21.

⁴⁹ *Ibidem*. p. 21.

1.1 O nome Francisco, e o cuidado com Casa Comum

O teólogo Leonardo Boff, em sua obra *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*, escrita em 2013, já apontava que o Papa Francisco, tornaria um importante promotor da consciência ecológica, ou seja, antes de ser escrita a encíclica *Laudato Si'* do Papa Francisco em 2015. Boff escreve que a figura do bispo de Roma, Francisco, poderia desempenhar um papel de grande relevância, porque ele explicitamente se religou à figura de São Francisco de Assis.

O Papa Francisco e São Francisco de Assis, ambos fizeram a opção clara pelos pobres, contra a pobreza e pela justiça social. Esta opção pelos pobres, aqui na América, nasceu inicialmente no seio da Igreja da libertação latino-americana e da teologia do povo, em Medellín (1968)⁵⁰ e Puebla (1979)⁵¹, e feita, segundo João Paulo II, patrimônio da Igreja Universal. Boff explica que hoje a opção pelo pobre, deve ser estendida para o *Grande Pobre* que sofre, no caso, o nosso planeta que está superestressado, pois a pisada ecológica da Terra já foi já ultrapassada em mais de 30%.

A Terra precisa de um ano e meio para repor o que lhe subtraímos pelo nosso consumo durante um ano. Tal dado nos remete a um segundo ponto: a questão ecológica, vale dizer, como devemos nos relacionar com a natureza e com a Mãe Terra? É neste particular que Francisco de Assis pode inspirar Francisco de Roma. Há elementos na vida e prática de Francisco de Assis que são atitudes-geradoras.⁵²

⁵⁰ O tempo de Medellín foi o das “vozes proféticas”. Os sinais acolhidos e emitidos por Medellín, a proximidade ao contexto dos pobres, a necessidade de transformações e a discussão adulta sobre o projeto da humanidade permanecem tarefas permanentes. A profética opção pelos pobres de Medellín, necessita de uma segunda opção pela plena participação dos pobres, na reconstrução da sociedade e na reforma constante da Igreja. O anúncio explícito de que a causa dos pequenos e excluídos pode ser vitorioso faz parte do querigma missionário. SOUZA, Ney de. *Revista de Cultura Teológica* – v. 16 – n. 64 – jul/set 2008. *Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007) – Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe*.

⁵¹ Na verdade, Puebla não foi convocada para corrigir ou mudar o trabalho e as orientações pastorais dadas por Medellín. Bem pelo contrário como em Medellín, o problema da libertação esteve também presente em Puebla, mas acentuando-se desta vez, não só a libertação da opressão, mas a libertação para a comunhão e participação (Puebla 842). SOUZA, Ney de. *Revista de Cultura Teológica* – v. 16 – n. 64 – jul/set 2008. *Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007) – Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe*.

⁵² BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja?*; Rio de Janeiro/RJ: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2013. 1ª edição, p. 54.

O Bispo de Roma, torna-se gradativamente portador dessa herança sagrada, legada por São Francisco de Assis para toda a humanidade. De fato, o Papa Francisco, na *Laudato Si'*, procura ajudar várias sociedades superar este tipo de mundo, que pode nos destruir. Para tanto, faz-se necessário que se construa uma aliança de paz e de sinergia entre ser humano e natureza, entre tecnociência e Mãe Terra que permitirá o surgimento de um novo modo de habitar a única Casa Comum que temos, a Terra. O Papa Francisco apresenta na sua encíclica *Laudato Si'* o paradigma do cuidado, que se opõe ao paradigma da dominação, e segue de fato, inspirando-se em São Francisco de Assis, tornando-se um grande incentivador da consciência ecológica e da responsabilidade solidária face ao destino comum da Terra e da Humanidade.

Conforme o teólogo Luiz Carlos Susin, o Papa Francisco preocupa-se com a integridade da criação e com desequilíbrio ecológico, que gera o aquecimento global, desertificação, climas extremos, risco de crise alimentar generalizada, porém esta preocupação, não deve ser somente do Papa e da sua Igreja. Este programa deve ser estendido para outras Igrejas e tradições religiosas, com o objetivo de sensibilizar a humanidade para o novo paradigma que se descortina com a crise que é ao mesmo tempo perigo e oportunidade. Estamos descobrindo um novo paradigma de conhecimento e de convivência:

E saindo do mecanicismo e da arrogância com que tratamos as outras formas de vida e as criaturas como simples coisas. A Igreja pode ajudar na urgente alfabetização ecológica, na criação de uma nova sensibilidade em relação com os demais seres, animais, plantas, micro-organismos, até o irmão vento, a irmã cigarra ao lado do irmão lobo. Ela pode fazer sinais eficazes de antecipação do reinado messiânico em que o leão e o boi pastarão juntos, conforme a visão profética de Isaías. [...]. Estamos todos juntos, atados ao mesmo destino sobre a terra e ninguém, nem a Igreja, se salvará sozinho. A bem-aventurança prometida no céu não se dará com desprezo de uma felicidade simples antecipada na terra. São Francisco de Assis, amante das criaturas, pode inspirar o Papa nesta cruzada por toda a forma de vida.⁵³

⁵³ PASSOS, Décio João e SOARES, Afonso M. L. (organizadores). *Francisco Renasce a Esperança*; In: SUSIN, Luiz Carlos. *Francisco: Nome que é um programa*. São Paulo: Paulinas, 2013. 1ª edição, p.132.

Concluindo, o nome Francisco foi bem escolhido por Bergoglio, de fato, o cuidado com casa comum, relatado em sua carta encíclica *Laudato Si'*, foi inspirado por Francisco de Assis. O Papa Francisco tornou-se o grande incentivador da consciência ecológica e da responsabilidade solidária face ao destino comum da Terra e da Humanidade.

2. Ecologia ambiental, econômica e social

Conforme o capítulo IV da carta Encíclica do Sumo Pontífice Francisco, *Laudato Si'*, *Uma Ecologia Integral*,⁵⁴ em vista da crise mundial, abre-se reflexões de uma ecologia inclusiva, que contemple as dimensões humanas e sociais. Uma vez que, a ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e, o meio ambiente onde se desenvolvem, faz-se necessário discutir então, quais condições de vida e de sobrevivência é o mais adequado, em vista dos modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Sabendo que tudo está interligado, não se pode pensar de forma individualizada, as espécies vivas do planeta. O meio ambiente, aponta que a natureza e seres vivos (incluindo a humanidade) são inseparáveis.

A tentativa de separar um do outro é destrutível, porque, ambos formam um só organismo, e possuem uma relação íntima e, reciprocidade vital. Portanto, o funcionamento da sociedade, da sua economia e do seu comportamento afetam diretamente o bem-estar da casa comum. Trata-se de uma mudança ampla, e demanda esforço de todos. As soluções integrais, demonstram ser uma boa alternativa, na resolução dos problemas gerados, a partir desta crise complexa, de nível sócio ambiental. É preciso combater a pobreza, devolvendo a dignidade aos excluídos e, simultaneamente, cuidar da natureza.

Os pesquisadores devem ter um papel preponderante, gozarem de liberdade acadêmica, e ser consultados antes que, os empreendedores agridam o planeta. Esta simples ação do diálogo, evitaria muito o impacto ambiental. A pesquisa deve ser constante no estudo das relações entre as criaturas e os seus ecossistemas. Cada organismo possui a sua importância, seja ela por ser criatura de Deus, ou porque ela tem

⁵⁴ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015. nº 137-142.

um papel fundamental de contribuir, conjuntamente com outros organismos, em gerar harmonia e bom funcionamento do ecossistema. Caso a humanidade ignore esta realidade, estará refém do fim da sua existência.

Os benefícios são enormes quando respeitado a harmonia dos ecossistemas. O bom funcionamento do ecossistema, intervêm na retenção do dióxido de carbono, na purificação da água, na contraposição a doenças e pragas, na composição do solo, na decomposição dos resíduos, e muitíssimos outros serviços que esquecemos ou ignoramos. O uso sustentável dos recursos naturais, prevê a capacidade regenerativa dos ecossistemas, para tanto, todos devem tomar consciência. Infelizmente, o crescimento econômico, visa reduzir custos com os processos de produção e, acabam agredindo o meio ambiente, portanto, faz-se necessário incluir a questão ecológica no planejamento deste crescimento econômico.

A proteção do meio ambiente deverá constituir parte integrante do processo de desenvolvimento e não poderá ser considerada isoladamente. A questão dos problemas ambientais deve ser analisada simultaneamente, ou seja, contextos humanos e meio ambiente, uma vez que, para obter uma visão mais integral e integradora, faz-se necessário compreender que existe uma relação entre o agir de cada pessoa, seja consigo mesma, com os outros e, com o meio ambiente.

A saúde social, ou seja, as instituições, interfere na saúde humana e ambiental. As instituições estão adoecidas pela falta de solidariedade. Podemos dizer que a ecologia social é institucional, e começa a partir da família, e progressivamente alcança diferentes dimensões. Tudo aquilo que destrói a saúde social, por exemplo, a injustiça, a violência, a perda de liberdade, colabora com prejuízos para o meio ambiente. Neste sentido, verifica-se que, existe grupos que lucram com o sofrimento deste povo, uma vez que, pela sobrevivência, são obrigados a aceitar trabalhos ilegais.

Atividade esta, que fomenta a destruição do meio ambiente. Entretanto, por mais que criem leis severas, para a proteção ambiental, esta população continuará transgredindo, violando e destruindo as florestas. Portanto é preciso primeiro tomar providências com o cuidado da saúde social deste povo, uma vez que, a vulnerabilidade

é prejudicial, tanto para o ser humano, quanto para o meio ambiente. Outro exemplo, é o abastecimento de drogas nos grandes centros urbanos, sabe-se que a produção e o fornecimento das drogas, provêm de regiões empobrecidas. Este consumo, além de fomentar a destruição das vidas de usuários, destroem também as vidas dos pobres que atuam neste comércio ilegal, e conseqüentemente degradam o meio ambiente.

2.1 Ecologia cultural

O patrimônio natural, juntamente com o patrimônio histórico, artístico e cultural, está igualmente ameaçado. Ambos formam a identidade comum, ou seja, serve de base para construir uma cidade habitável. Não é preciso criar novas cidades que sejam mais ecológicas. Na verdade, faz-se necessário integrar a história, a cultura e a arquitetura dum lugar, para salvaguardar a sua identidade original. A atenção ecológica, deve estar focada também nas riquezas culturas locais. Deve existir diálogo entre os grupos técnicos-científicos e grupos da cultura popular. Ambos podem evitar a destruição do meio ambiente.

Atualmente, a economia globalizada, incentiva o comportamento consumista da humanidade. Sabe-se que quanto mais homogêneo e uniforme for a questão cultural, mais lucrativo é para o sistema econômico globalizado.⁵⁵ A variedade cultural, por ser complexa, torna-se um obstáculo para o desenvolvimento da economia globalizada. Entretanto, este modelo econômico, despreza a participação popular, utilizam-se de intervenções técnicas e negligenciam os problemas locais.

Portanto, não é possível aceitar que em nome da qualidade de vida de um grupo, seja imposta outra cultura, sem antes, abrir-se ao diálogo, a fim de ser entendida, que as culturas de um povo se situa dentro do mundo de símbolos e hábitos próprios de cada grupo humano. O caminho do diálogo é fundamental, uma vez que, a modernidade se

⁵⁵ A sociedade mundial, hoje globalizada neste modelo antiético, promove a globalização como homogeneização: um só pensamento, um só modo de produção (o capitalista), um só tipo de mercado, uma só tipo de religião (o cristianismo), um só tipo de música (rock), um só tipo de comida (*fast food*), um só tipo de executivo, um só tipo de educação, um só tipo de língua (o inglês) etc. Com a negação da alteridade, ou o seu submetimento ou destruição, a sociedade-mundo atual se coloca em contradição com a ética. Esta atitude perversa tem como consequência a má qualidade de vida atual em todos os âmbitos sociais, culturais e ambientais. BOFF, Leonardo. *Do Iceberg à Arca de Noé: O nascimento de uma ética planetária*. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2002. p. 96 e 97.

construiu quase que exclusivamente sobre a *inteligência intelectual*; ela nos trouxe incontáveis comodidades. Mas não nos fez mais integrados e felizes porque colocou em segundo plano ou até recalcou a *inteligência emocional ou cordial* e negou cidadania à *inteligência espiritual*. Hoje faz-se urgente articular estas três expressões da inteligência se quisermos desentranhar aqueles valores e sentimentos que têm nelas o seu nicho: a reverência, o respeito e a convivência pacífica com a natureza e a Terra.⁵⁶

As muitas formas de intensa exploração e degradação, do meio ambiente, pode esgotar não só, os meios locais de subsistência, mas também os recursos sociais, que consentiram um modo de viver que sustentou, durante longo tempo, uma identidade cultural e um sentido da existência e da convivência social. Verifica-se que a forma intensa de exploração e degradação do meio ambiente, leva ao esgotamento dos recursos naturais, no entanto, em determinadas regiões, aquilo que outrora, na natureza foi abundante e, sustentou o modo de vida de muitos, atualmente pela falta de recursos naturais, ocasiona o fim dos recursos sociais.

Acabar o recurso social, é o mesmo que fazer desaparecer uma cultura, tão grave quanto o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal. Viver de forma hegemônica, em função dos meios de produção, coloca em risco não só os ecossistemas, mas também as pessoas que neles habitam.

Faz-se necessário retomar o modelo de vida das comunidades aborígenes e as suas tradições culturais, no qual veem a terra não como bem econômico, mas dom gratuito de Deus e dos antepassados que nela descansam. A terra, trata-se de um espaço sagrado, portanto, eles interagem com ela, porque é uma questão de identidade e manutenção de seus valores. Não é por acaso que são perseguidos, e pressionados pelos grandes extrativistas e pecuaristas a abandoarem as suas terras.⁵⁷

⁵⁶ BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja?*; Rio de Janeiro/RJ: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2013. 1ª edição, p. 56.

⁵⁷ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015. nº 143-146.

2.2 Ecologia da vida quotidiana

O autêntico progresso é aquele que visa melhorar a qualidade de vida do homem, porque o seu modo de sentir e agir é construído a partir das influências recebidas pelo meio ambiente no qual ele vive. Portanto o homem, no seu habitat, exprime a sua identidade. O ser humano encontra dificuldade em se adaptar e desenvolver uma identidade integrada e feliz, quando ele vive num ambiente desordenado e caótico. Porém a sua criatividade e generosidade acaba superando às limitações do ambiente, ele aprende dar sentido de sua existência, mesmo no meio da desordem e precariedade.

É impressionante como na ecologia humana, em especial nas grandes cidades, as pessoas se desenvolvem com tantas limitações. O modo de vida social positiva, produz cordialidade e a amizade, e com isso superam o condicionalismo. Apesar das pessoas viverem em ambientes sufocantes, em aglomerados residências, conseguem desenvolver calorosas relações de vizinhanças, superam as limitações ambientais, porque cada um possui dentro de si, sentido de pertença e comunhão, ou seja, mesmo vivendo em um ambiente desagradável infernal, abre-se a possibilidade de torna-lo digno de vida.

Ao contrário, verifica-se que, os habitantes dos bairros periféricos, vivem em ambientes privados de harmonia, magnanimidade e possibilidade de integração, facilita o aparecimento de comportamentos desumanos e a manipulação das pessoas por organizações criminosas. Estes habitantes que vivem na precariedade, sentem-se marginalizados, afastados das suas raízes, conseqüentemente, favorece comportamentos antissociais e de violência. Conforme o Papa Francisco:

“Todavia tenho a peito reiterar que o amor é mais forte. ” De fato, “muitas pessoas, nestas condições, são capazes de tecer laços de pertença e convivência que transformam a superlotação numa experiência comunitária, onde se derrubam os muros do eu e superam as barreiras do egoísmo. Esta experiência de salvação comunitária é o que muitas vezes suscita reações criativas para melhorar um edifício ou um bairro. ”

Faz-se necessário que os empreendedores, juntamente com engenheiros, arquitetos, construtores de obras públicas ou privadas, estejam abertos ao diálogo com outros saberes científicos, no sentido de compreenderem os processos, o simbolismo e os comportamentos das pessoas.⁵⁸

É fundamental que a qualidade de vida das pessoas, estejam em harmonia com o ambiente, o encontro e ajuda mútua, no qual, o ponto de vista dos habitantes do lugar não seja rejeitado, mas incluído na análise da planificação urbanista.

É preciso cuidar dos espaços comuns, dos marcos visuais e das estruturas urbanas que melhoram o nosso sentido de pertença, a nossa sensação de enraizamento, o nosso sentimento de «estar em casa» dentro da cidade que nos envolve e une. É importante que as diferentes partes duma cidade estejam bem integradas e que os habitantes possam ter uma visão de conjunto em vez de se encerrarem num bairro, renunciando a viver a cidade inteira como um espaço próprio partilhado com os outros. Toda a intervenção na paisagem urbana ou rural deveria considerar que os diferentes elementos do lugar formam um todo, sentido pelos habitantes como um contexto coerente com a sua riqueza de significados. Assim, os outros deixam de ser estranhos e podemos senti-los como parte de um «nós» que construímos juntos.⁵⁹

A questão central da ecologia humana, está pautada em solucionar o problema da moradia, ou seja, a casa própria, esta realidade implementa a dignidade das pessoas e o desenvolvimento das famílias. Porém sabe-se que a falta de habitação é grave em muitas partes do mundo, tanto nas áreas rurais como nas grandes cidades, nomeadamente porque os orçamentos estatais em geral cobrem apenas uma pequena parte da procura. Este problema afeta grande parte da sociedade, principalmente os pobres, que encontra sérias dificuldades para ter uma casa própria.

⁵⁸ Sem estes valores, dificilmente faremos uma travessia feliz da ameaça de uma tragédia para uma crise purificadora. Será essa aliança de paz e de sinergia entre ser humano e natureza, entre tecnociência e Mãe Terra que permitirá o surgimento de um novo modo de habitar a única Casa Comum que temos, a Terra. Será o triunfo do paradigma do cuidado em oposição ao paradigma da dominação, a vitória do coração sensível sobre a mente fria e conquistadora. BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja?*; Rio de Janeiro/RJ: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2013. 1ª edição.

⁵⁹ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015. 1ª ed. nº 151.

Faz-se necessário socorrer os habitantes mais vulneráveis, no caso, os que residem nos bairros mais precários, nos subúrbios poluídos e nos aglomerados perigosos. Para tanto, o caminho é a urbanização desses locais. Utilizando um processo de transformação não só urbana, mas principalmente humana. Providenciando soluções adequadas, uma vez que, estas pessoas já estão fartas de tanto sofrimento. Sobremaneira, a criatividade levará à integração dos bairros precários numa cidade acolhedora:

«Como são belas as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo fator de progresso! Como são encantadoras as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro! »⁶⁰

A implementação de um serviço público de transporte de qualidade, não poluente. Que estimule a maioria dos habitantes das cidades utilizarem, uma vez que, muitos carros são utilizados por uma ou duas pessoas, tornando o tráfego intenso, no qual, aumenta o nível de poluição, como também se consomem enormes quantidades de energia não-renovável. Enquanto as cidades oferecerem um transporte público ruim, com um tratamento indigno para às pessoas devido à superlotação, ao desconforto, continuará fomentando a violência, a poluição, a imobilidade social, e a destruição do planeta.

Os benefícios que o transporte público de qualidade traria para as pessoas, e para o planeta são imensuráveis. Os habitantes das áreas rurais, também devem ser assistidos, uma vez que, em muita região os serviços essenciais não chegam e há trabalhadores reduzidos a situações de escravidão, sem direitos nem expectativas duma vida mais dignificante. A ecologia humana implica também algo de muito profundo que é indispensável para se poder criar um ambiente mais dignificante, no caso, o cuidado com o próprio corpo. Sabe-se que o homem possui uma natureza, e a partir do cuidar de si mesmo, abre-se para o cuidado com a criação. Da mesma forma que a criação não deve ser dominada pelo homem, mas deva ser cuidada, também o corpo humano não deve ser dominado pelo homem, e sim cuidado.

⁶⁰ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015. 1ª ed. nº 152.

O corpo humano conecta-se ao meio ambiente, e com os outros seres vivos, neste sentido, além do corpo humano ser dom de Deus, torna-se um exercício fundamental cuidar de si mesmo, para conseguir também, cuidar da criação, ou seja, a casa comum. Aprender a aceitar o próprio corpo, cuidar dele, respeitando os seus significados é essencial para uma verdadeira ecologia humana. A lógica do domínio da criação pelo homem, promove a destruição ambiental, ou seja, é a mesma lógica de que o homem tem domínio do seu próprio corpo.

Esta lógica, concede ao homem o poder de cancelar a diferença sexual, ou de promover a sua própria destruição. A lógica do cuidado com a criação, coloca nas mãos do homem, a possibilidade de, a partir de si mesmo, no apreço pelo próprio corpo, a sua feminilidade ou masculinidade, poder reconhecer a si mesmo no encontro com o outro que é diferente. Portanto, consequentemente, fomentar com alegria, o cuidado com a casa comum, a obra da criação de Deus.

2.3 O princípio do bem comum

Para compreender a ecologia integral, faz-se necessário estudar a questão do bem comum, visto como princípio que desempenha um papel central e unificador na ética social, ou seja, é *«o conjunto das condições da vida social que permitem, tanto aos grupos como a cada membro, alcançar mais plena e facilmente a própria perfeição»*.

O bem comum pressupõe o respeito pela pessoa humana enquanto tal, com direitos fundamentais e inalienáveis orientados para o seu desenvolvimento integral. Exige também os dispositivos de bem-estar e segurança social e o desenvolvimento dos vários grupos intermédios, aplicando o princípio da subsidiariedade. Entre tais grupos, destaca-se de forma especial a família enquanto célula basilar da sociedade. Por fim, o bem comum requer a paz social, isto é, a estabilidade e a segurança de uma certa ordem, que não se realiza sem uma atenção particular à justiça distributiva, cuja violação gera sempre violência.

Toda a sociedade – e, nela, especialmente o Estado – tem obrigação de defender e promover o bem comum.⁶¹

Verifica-se que a concentração das riquezas nas mãos de uma pequena parcela da sociedade, tornou a grande maioria da sociedade mundial, vítimas de um sistema desigual, no qual, aumenta cada vez mais o número de pessoas descartadas, privadas dos direitos humanos fundamentais. Portanto, o princípio do bem comum torna-se imediatamente, como consequência lógica e inevitável, um apelo à solidariedade e uma opção preferencial pelos mais pobres, uma exigência ética fundamental para a efetiva realização do bem comum (cf. exortação apostólica *Evangelii gaudium* 186-201).

A medida que assumimos os espaços comuns do nosso bairro, das nossas ruas, sentimo-nos mais enraizados na comunidade. Ninguém pode viver isolado; mesmo nas grandes cidades, devemos sair do nosso fechamento, do nosso egoísmo, a fim de refletirmos e trabalharmos juntos para dignificar a vida de todos. Nada que fazemos ao bem comum é perda de tempo. Se todos tiverem o sentido de comunidade, o mundo será melhor. Se descermos às coisas do cotidiano do nosso bairro e da nossa rua por exemplo, como cuidar dela para que seja um ambiente limpo, sem lixo os bueiros não entupirão nem teremos inundações. Teremos menos riscos no trânsito, menos acidentes, melhor qualidade de vida. A natureza é um presente de Deus para a humanidade. As matas, os rios, os córregos, as florestas e flores, tudo é obra-prima de Deus. Não é por mero acaso que não podemos viver sem ela. Cada manhã despertamos para um novo dia; ensolarado ou chuvoso, não importa, ele é dom que nos alegra e dá esperança.⁶²

2.4 A justiça intergeracional

A justiça intergeracional apresenta a preocupação com as gerações futuras, uma vez que, deve-se salvaguardar os recursos naturais do planeta, para aqueles que virão depois de nós. As gerações futuras devem estar inclusas no projeto da utilização do bem

⁶¹ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015. 1ª ed. nº 157.

⁶² AGNELO, D. Geraldo Majella. *Liturgia Diária – Ano XXV – Nº 296 – agosto de 2016: Ecologia Integral*. São Paulo: Ed. Pia Sociedade de São Paulo / Paulus, 2016. Artigo da capa.

comum. Contudo, o modelo econômico internacional agrava a crise climática, na medida que desprezam a lógica do bem comum, e estimulam a lógica do consumo, amplificam a destruição do planeta. Portanto, a implementação do desenvolvimento sustentável visa colocar em prática o dom gratuito, que recebemos e comunicamos através de uma solidariedade intergeracional. A terra nos é dada, não podemos pensar apenas a partir dum critério utilitarista de eficiência e produtividade para lucro individual.

Portanto, a terra que recebemos pertence também àqueles que hão-de vir. Garantir um planeta habitável, com recursos naturais para a geração futura é uma questão de justiça, segundo a exortação dos Bispos de Portugal, o ambiente situa-se na lógica da recepção. É um empréstimo que cada geração recebe e deve transmitir à geração seguinte. Uma ecologia integral possui esta perspectiva ampla. Trata-se de uma causa urgente. A negligencia da humanidade e dos seus governantes⁶³, condenará às próximas gerações a viverem em ruínas, desertos e lixo. O consumismo voraz da humanidade, além de provocar desperdício, está causando a alteração do meio ambiente, aumentando significativamente a possibilidade de ocorrer catástrofes no planeta.

Para o teólogo Leonardo Boff, vem crescendo a consciência de que estamos numa fase perigosa da vida na Terra. Verifica-se o aparecimento de nuvens escuras que ocultam as estrelas-guias e nos advertem para eventuais tsunamis ecológico-sociais de grande magnitude. A questão é preocupante, ultrapassamos o limite de “*quatrocentas partes por milhão*” de dióxido de carbono na atmosfera de algumas regiões ao norte da Terra.

Sabe-se que, em algumas regiões, já vem ocorrendo sinais de mudanças climáticas, acarretando graves problemas ambientais. Para atenuar tais efeitos, precisamos urgente começar a fazer a nossa parte. Não levar a sério este desafio, denota a quanto deteriorada encontra-se a ética e a cultura, que acompanha a deterioração ecológica. O homem e a mulher deste mundo pós-moderno correm o risco permanente de se tornar profundamente individualistas, e muitos problemas sociais de hoje estão

⁶³ Lamentavelmente, faltam-nos líderes com autoridade e com palavras e gestos convincentes que despertem a humanidade, especialmente, as elites dirigentes, para o destino comum da Terra e da Humanidade e para a responsabilidade coletiva e diferenciada de garanti-lo para todos. BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja*. Rio de Janeiro/RJ: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2013. 1ª edição

relacionados com a busca egoísta duma satisfação imediata, com as crises dos laços familiares e sociais, com as dificuldades em reconhecer o outro.

A falta de capacidade para pensar seriamente nas futuras gerações está ligada com a nossa incapacidade de alargar o horizonte das nossas preocupações e pensar naqueles que permanecem excluídos do desenvolvimento. Não percam tempo a imaginar os pobres do futuro, é suficiente que recordemos os pobres de hoje, que poucos anos têm para viver nesta terra e não podem continuar a esperar. Por isso, «para além de uma leal solidariedade entre as gerações, há que reafirmar a urgente necessidade moral de uma renovada solidariedade entre os indivíduos da mesma geração».⁶⁴

⁶⁴ FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015. 1ª ed. nº 162.

Capítulo III

Uma perspectiva Bíblica e Ética sobre a Ecologia

O objetivo deste capítulo é apresentar como os teólogos utilizam a Bíblia e a Ética na elaboração do pensamento sobre a Ecologia. A primeira parte, inicia-se com a perspectiva Bíblica sobre a Ecologia, será utilizado alguns textos das Escrituras Sagradas judaico-cristãs e o modo como estes têm sido interpretados por teólogos que possuem posições ideológicas heterogêneas a fim de preservar a releitura dos textos bíblicos escolhidos sob a perspectiva ecológica.

A partir da análise dos diálogos estabelecidos entre os teólogos, e as releituras dos textos bíblicos é possível concluir que esta nova teologia tem o papel de conscientização, como resposta à crise ambiental, no âmbito das igrejas cristãs. O texto foi subdividido em cinco partes, a primeira parte, abordará uma introdução sobre a Ecologia Bíblica.

A segunda parte, apresentará um estudo da Ecologia a partir do livro do Gênesis. A terceira parte, como a Ecologia é vista nas narrativas veterotestamentária. A quarta parte, como a Ecologia é vista nas narrativas neotestamentária. A quinta e última parte, como a Ecologia vista no Apocalipse.

A perspectiva Ética sobre a Ecologia, está subdividida em quatro partes, num primeiro momento, apresentará uma introdução. O segundo momento, mostrará a grande necessidade da humanidade de reconhecer a emergencial implementação do diálogo sobre um Ethos Mundial numa consciência planetária. O terceiro momento, procurará ampliar os conhecimentos em torno da responsabilidade humana.

O que é possível fazer para despertar a responsabilidade, em relação aos problemas que ameaçam todas as espécies vivas do planeta Terra. O último e quarto momento, apresentará ideias de alguns teólogos sobre como a Ética Planetária pode ser fundamental para a humanidade enfrentar os hábitos consumistas gerado pelo mundo globalizado.

1. Ecologia Bíblica

O livro da Bíblia Sagrada, conforme a tradição judaico-cristã, oferece subsídios para estudar a relação entre a humanidade e a criação. Encontra-se uma base para avaliar a retórica ecológica em todas as suas dimensões. Em primeiro lugar, a sua relação e dependência da criação, em segundo lugar, a sua relação e dependência de Deus, ambos presentes em toda sociedade contemporânea. No início da Igreja Cristã, ensinava-se a doutrina da criação como um ato livre de Deus, uma doutrina que foi bem aceita no princípio do cristianismo, porém naquela época compreendiam a questão da criação narrada na Bíblia de forma literal.

Em Santo Agostinho, já compreendia que a ideia de dias foi simplesmente introduzida para auxiliar a inteligência finita do homem, acreditando que o mundo havia sido criado num momento de tempo junto com o próprio tempo, sendo talvez necessário concebê-los como diferentes dos nossos dias atuais.⁶⁵ Conforme observa o biblista *Von Rad*, a narrativa sacerdotal da criação quer transmitir, não apenas conhecimentos teológicos, mas também, conhecimentos naturais. É uma das razões que fornecem subsídios para apresentar a possibilidade de uma discursivização ecológica nas trilhas literárias bíblicas.⁶⁶

1.2 Ecologia no livro do Gênesis

Como ponto de partida, a exegese e a hermenêutica elabora um caminho para a compreensão sobre a dominação humana: Deus ordenou ao homem e à mulher, no momento da criação, que “submetessem” a terra e “dominas sem” os seres vivos (Gn 1,28; Sl 8,6-8). Seu papel é único na criação, assim como sua criação à imagem de Deus é única (Gn 1,26-27; 9,6), o que os habilita a representar a Deus para reinar sobre as coisas criadas. Mas a Bíblia não diz, de modo algum, que toda a criação existe a

⁶⁵ BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2012. 4ªed. p. 118. *Louis Berkhof (14 de outubro de 1873 - 18 de maio de 1957) é um teólogo sistemático reformado cujas obras têm sido muito influentes na teologia calvinista da América do Norte e América Latina. Sua Teologia Sistemática tem sido, durante décadas, o livro-texto utilizado em muitas faculdades protestantes de teologia no Brasil. Ele nasceu nos Países Baixos e mudou-se, ainda pequeno, para os Estados Unidos.*

⁶⁶ RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento. Tradução Francisco Catão*. São Paulo: Editora Aste / Targumim, 2006. 2ª edição. p. 227. *Gerhard Von Rad (21 de outubro de 1901 a 31 de outubro de 1971) foi um professor teólogo alemão, acadêmico e da Universidade de Heidelberg.*

humanidade. A mesma ideia encontra-se nas leis que limitam a exploração da terra (Ex 33, 1 1; Lv 25, 2-7), e no ensinamento de Jesus (Mt 6, 25s).⁶⁷

A relação da humanidade com a natureza, observada na narrativa bíblica da criação apresenta a superação de tensões e oferece caminhos para um viver harmonizado com Deus, com o outro e com a natureza. Com o ato de criar, Deus permanece junto à sua criação, sustentando e se relacionando com toda a obra criada. Sendo assim, a criação está toda interligada, numa relação de interdependência, Deus-Terra-Humanidade. Os teólogos referem-se à responsabilidade do homem para com a criação, observada nos relatos a criação, em Gênesis 1 e 2, fundamentam e explicam as razões bíblico-teológicas pelas quais o mundo tem passado por tantos problemas ambientais.

Ao contrário daquilo que os críticos ambientalistas apontam, sobre a responsabilidade da narrativa do Gênesis como justificadora das ações humanas de dominação, cujos efeitos são destrutivos, sobre a natureza. Deus entregou o domínio da natureza ao homem, mas isso não quer dizer que ela pertença ao homem, uma vez que pertence a Deus, cabendo ao homem sua utilização e a compreensão dos limites de sua responsabilidade. O importante é destacar o lugar adequado dos humanos dentro de toda a casa da criação.⁶⁸

Esta comunidade da criação, no caso, os seres humanos estão certamente acima das outras criaturas, mas são também criaturas que partilham a terra com todos os seres que Deus criou. É assim que depois do dilúvio Deus faz aliança com os homens e com todos os animais (Gn 9,8-17). Segundo o Sl 104, para o qual o homem é somente uma das criaturas viventes de que Deus tem cuidado, a terra é o hábitat dos seres viventes e Deus dá a cada um seu lugar. A criação é o fruto da atividade intencional da parte do Deus, conforme o livro do Gênesis capítulo 1 e 2. Toda criação é boa, portanto cada

⁶⁷ LACOSTE, Jean-Yves (Coord.): MENESES, Paul (tradutor): *Dicionário crítico de teologia*; São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004. Jean-Yves Lacoste, nasceu em 6 de março de 1953, é um teólogo, escritor e filósofo francês. Ele foi professor visitante na Universidade de Chicago e da Universidade de Virginia. Ele foi o autor e diretor de uma grande enciclopédia, *Dicionário Crítico de Teologia*, autoridade sobre toda a investigação relacionada com conceitos religiosos e teologia cristã.

⁶⁸ SCHAEFFER, Francis. *Poluição e a Morte do Homem: Uma perspectiva Cristã da Ecologia*. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã. 2003. p. 35. Francis Schaffer (30 de janeiro de 1912 – 15 de maio de 1984) foi um teólogo cristão evangélico americano, filósofo e pastor. Tornou-se famoso por seus escritos e pela criação da comunidade L'Abri (do francês, "O Abrigo"), na Suíça.

criatura tem seu lugar neste mundo com dignidade própria, porém os seres humanos ocupam um lugar único entre as criaturas. Foram feitos à imagem e semelhança de Deus, portanto, receberam a ordem de “dominar” e “subjugar” a terra, ou seja, os seres humanos têm a capacidade de tomar decisões que afetam positiva ou negativamente a terra e seus moradores. A terra é o lar de todos, ela gera a sustentação das espécies, inclusive dos seres humanos.

Deus confia ao homem a missão de serem zeladores da Terra, ou seja, exercerem este domínio de forma sábia, de maneira que extraiam seu sustento sem colocar em risco o equilíbrio da criação.⁶⁹ O estudo bíblico, deve evitar o pensamento de domínio utilitarista dos humanos sobre a criação. A releitura do primeiro capítulo de Gênesis, permite uma exegese e uma hermenêutica não de forma antropocêntrica, teocêntrica ou egocêntrica, mas ecocêntrica, isto é, tomando a casa comum como ponto de partida e referencial nesta leitura.⁷⁰

No texto em hebraico, a expressão “sujeitar a terra”, observa o verbo “kabash” e para dizer “dominar as criaturas” o verbo “radah”. Esses verbos, sempre que são empregados no Antigo Testamento, significam “submeter, subjugar, dominar.”⁷¹ Outra análise exegética do teólogo *Lopes Júnior*, no Novo Testamento, esclarece que no evangelho de João mostra claramente o sentido que Jesus dava às palavras “submeter, subjugar e dominar” e que isto pode ser exemplificado no texto de João 13 quando Jesus, depois de lavar os pés de seus discípulos, lhes diz: “Vocês me chamam de Mestre e Senhor, e dizem bem, porque eu o sou. Ora, se eu, sendo o Senhor e o Mestre, lavei os pés de vocês, de igual forma vocês também devem lavar os pés uns dos outros.” Para

⁶⁹ HOUSE, R. Paul. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2005. P.73.

Paul R. House (nascido em 1958) é um erudito, autor e professor de seminário do Antigo Testamento americano que atuou como presidente da Sociedade Evangélica de Teologia de 2012. Ele ganhou seu bacharelado da Southwest Baptist University, seu mestrado na Universidade do Missouri e seu Sr. Div. E Ph.D. Do Seminário Teológico Batista do Sul.

⁷⁰ REIMER, Haroldo. *Paz na Criação de Deus: Esperança e Compromisso. Estudos Teológicos São Leopoldo v. 51 n. 1 p. 138-156 jan. / jun. 2011*. Disponível em: est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/download/183/208. Haroldo Reimer é Doutor em teologia, Pós-doutorado em História, Universidade Estadual de Campinas (Unicamp - 2010 a 2013); Doutorado em Teologia, Alemanha (1986 a 1990); bacharelado em Direito pela PUC Goiás (2006 a 2010).

⁷¹ Disponível em <http://www.abiblia.org/bibliaHebraico.asp>

Jesus, segundo Lopes Júnior, os termos “submeter, subjugar e dominar” estão estreitamente relacionados com o cuidado com o outro e com a humanidade.⁷²

Deus deu ao homem domínio sobre a terra e este domínio é corporativo, delegado, responsável e genérico, ou seja, inerentes ao homem e à mulher. Somente os dois juntos realizam a primeira ordenança de Deus, e nenhum dos dois, sozinho, é capaz de realizá-la. A ordem de domínio dada por Deus em Gênesis 1, 28 precede a queda do homem. A partir deste momento, o homem perde a capacidade de cumprir a ordem de Deus e o caos volta a ser estabelecido no mundo.⁷³

A análise dos capítulos 1 e 2 do livro de Gênesis, no caso, tema da narrativa bíblica da criação, realizada sob a perspectiva ecológica, apresenta a humanidade glorifique a Deus pela criação, uma vez que, a sua soberania é expressada sobre a criação através dos atos de criar e de designar cada elemento.

Sobre a questão do mandato cultural em Gênesis 1, 26-28, conforme o biblista Stott, subdivide em três características, a primeira é a nossa relação com Deus, a segunda é a nossa relação uns com os outros, e a terceira é nossa relação com a terra e suas criaturas. A negligência do mandato cultural tem feito com que a terra seja entregue nas mãos dos que não tem nenhum temor a Deus, nenhum respeito ao próximo, e nenhum cuidado com a nossa casa, que é o planeta e a sua maravilhosa natureza. Entretanto, o ser humano faz parte da criação e é dependente dela. O ser humano vive dentro de um contexto de interdependência com a criação. Desde o início, nossa sorte está ligada ao solo, e por sua vez, a sorte do solo está ligada a nós.⁷⁴

⁷² LOPES JR, Orivaldo Pimentel. *Ser Humano e Natureza na Teologia Cristã: Quando fizestes a um lençol freático, a mim me fizestes*. Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p.79-87, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewFile/P.2175-5841.2010v8n17p79/25>. Orivaldo Pimentel Lopes Júnior é professor da Universidade Federal do Rio Grande do Norte desde 1994. Doutorado-se em Ciências Sociais na PUC/SP em 2002, com sanduíche na Drew University na New Jersey, Estados Unidos. Possui Graduação em Teologia (FTB/SP - 1979) e em Letras (UnP – 2002).

⁷³ LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins; ANDRADE, Maristela Oliveira de. *Diálogo entre a tradição bíblica e a construção do discurso teológico ambiental cristão*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p603>

⁷⁴ STOTT, John. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010. p.17. John Robert Walmsley Stott, CBE (27 de abril de 1921 – 27 de julho de 2011) foi um pastor e teólogo anglicano britânico, conhecido como um dos grandes nomes mundiais evangélicos. Foi um dos principais autores do pacto de Lausana, em 1974. Em 2005, a revista Time classificou Stott entre as 100 pessoas mais influentes do mundo.

Mesmo que não tenha consenso por parte de teólogos com relação a maneira da leitura e da interpretação ecocêntrica da narrativa bíblica de Gênesis 1, 28 e Gênesis 2, 15, porém todos concordam que Deus delegou ao homem responsabilidades morais e éticas para lavar e guardar o planeta como um patrimônio desta e das futuras gerações. Apesar do livro de Gênesis contribuir com a maior parte da exegese bíblica sobre a ética da criação do mundo e sobre a responsabilidade humana sobre os seus cuidados, outros textos bíblicos incluindo as narrativas deuteronomistas, proféticas, poéticas, e os evangelhos podem ajudar enriquecendo a base para a construção do discurso ecológico.

1.3 Ecologia nas narrativas veterotestamentária

No livro de Deuteronômio são encontradas algumas passagens interessantes e dentre elas, serão citadas três: Os versículos 6 e 7 do capítulo 22 orienta sobre o modo de lidar com pássaros e ninhos de aves quando se recomenda tomar posse somente dos filhotes, deixando voar em liberdade a mãe-pássaro. No capítulo 20, 19-20 o desmatamento de árvores frutíferas é interdito e no capítulo 23, 13-15 é dada a recomendação de procedimentos de higiene e saneamento na vida do acampamento e das cidades israelitas. Com o propósito de promover uma síntese da análise teológica nas narrativas da criação no livro de Jó, são destacados os capítulos e versículos 28, 25-26; 38-42; 33-41. Para o autor do livro de Jó, somente Deus possui a compreensão da sabedoria porque só Ele criou forças misteriosas como o vento, água, relâmpagos e trovões. O livro de Jó também constitui bom espaço para uma leitura ecológica, a partir do questionamento de Jó a Deus sobre sua capacidade de gerenciar a criação, desencadeando uma resposta divina em que se descortina toda a complexidade das relações no espaço da criação e apresenta um Deus que se alegra e cuida da criação “independentemente” da sua importância para os seres humanos.⁷⁵

Os textos bíblicos do Antigo Testamento demonstram que Deus é o criador supremo de todas as coisas e confiou ao homem a responsabilidade pelo cuidado e pelo

⁷⁵ LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins; ANDRADE, Maristela Oliveira de. *Diálogo entre a tradição bíblica e a construção do discurso teológico ambiental cristão*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p603>

zelo de sua criação. O pressuposto da criação como obra de Deus, sob a perspectiva judaico-cristã, perpassa as Escrituras Sagradas. A criação apresentada como realidade teocêntrica, sugere que a criação não existe para a humanidade, mas para a glória de Deus; toda criatura, animada ou inanimada, o louva e o adora (Sl 148; Ap 5,13). Portanto, toda criatura tem um valor, que é um dom do Criador e que lhe é oferecido de novo no louvor.

1.4 Ecologia nas narrativas neotestamentária

No entanto, no Novo Testamento, nos Evangelhos, no livro de Atos dos Apóstolos ou nas cartas Paulinas, apresenta-se a questão da terra, da água, do trabalho escravo e da necessidade de refazer a vida de maneira significativa procurando estabelecer uma contextualização de paradigmas e posturas ecologicamente corretas. Conforme a exegese do teólogo *Carriker*, o capítulo 8 de Romanos, apresenta que, aqueles que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus (v.14).

Como filhos, somos herdeiros de Deus e co-herdeiros com Cristo (v.17). O texto bíblico fala de uma herança “gloriosa”, (v.18), mas imediatamente vincula a nossa glória eterna, em contraste com o sofrimento atual, com a sorte da criação toda (v.19 e 25). A “liberdade” e a “glória” futuras dos cristãos estão vinculadas àquelas da criação porque o cuidado da criação é incumbência humana desde o início e, por isso, é inseparável também do destino dos cristãos. Através da Hermenêutica de Romanos 8, 17-26, a glória a ser revelada (v. 18) aparecerá, quando os filhos de Deus forem revelados em sua nova natureza (v. 19), e a criação será libertada de seu presente estado de imperfeição e declínio (v. 20, 21). A revelação dessa glória fará mais do que extinguir o dano e a perda (v. 20) que a ordem criada sofreu em resultado da queda de Adão (Gênesis 3, 17).

Conforme *Reimer*, a regeneração de todas as coisas (Apocalipse 21) na ordem criada corresponde a liberdade na glória (v. 17-18) a ser desfrutada pelos filhos de Deus. A criação pode ser comparada como uma mãe que geme com as dores do parto. A criação inteira tem um destino planejado por Deus e deseja ardentemente que seja cumprido, tal como sucede aos próprios crentes (v. 23-26). Todas as religiões, em particular, as cristãs têm a incumbência de desencadear a libertação da criação. A renovação do mundo é uma parte integrante da esperança na tradição judaico-cristã e a criação, que está sofrendo, tem a expectativa de que o poder de Cristo a liberte do sofrimento e das amarras da opressão.

Isso remete para a noção de nova criação e adquire significado antropológico e dimensão cosmológica. Sua esperança repousa na fidelidade do Deus que os amou tanto que lhes deu o Seu Filho. O grito e o gemido de dor do mundo (Romanos 8, 22), são causadas pelas constantes agressões que sofre. A destruição da natureza, na qual gera a crise ecológica, teve origem na industrialização, que com o passar do tempo, sofisticou-se de modo a atender a demanda do consumo da humanidade.

Conforme *Carriker*, ao comparar a teologia Paulina com a teologia prática da “redenção” da criação identifica os cristãos com essa teologia e declara que a “criação aguarda com grande expectativa a manifestação dos filhos de Deus”. Com isso, Paulo pretende insistir que a Igreja se envolva não somente com a preservação do meio ambiente, mas que auxilie a sociedade em sua transformação.

Pode-se pensar sobre a instauração de uma possível forma de ecologia humana. Segundo Schaeffer, Paulo está querendo dizer que quando nossos corpos, “corpos humanos”, forem levantados dentre os mortos, então a natureza também será redimida para a gloriosa liberdade dos filhos de Deus porque o sangue do cordeiro redentor, Jesus Cristo, remirá o homem e a natureza.⁷⁶

Para *Moltmann*, a criação, se mantém num sistema aberto ao futuro, uma vez que, historicamente, terá seu fim na consumação dos tempos, portanto, a teologia tem que falar da criação não só no começo, mas, também, na história e ao final, isto é, olhando o processo total da criação de Deus que compreende o criar inicial, o criar histórico, e o criar escatológico. A criação original aponta para a história da salvação e ambas apontam para o reino da glória.⁷⁷ O autor do Apocalipse anuncia que esta esperança já começou a se realizar: “Eu vi um novo céu e uma nova terra” (Apocalipse 21, 1).

⁷⁶ LIMEIRA, Amelia Ferreira Martins; ANDRADE, Maristela Oliveira de. *Diálogo entre a tradição bíblica e a construção do discurso teológico ambiental cristão*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p603>

⁷⁷ MOLTSMANN, Jurgen. (Tradução) Haroldo Reimer, Ivoni Richter Reimer. *Deus na Criação: Doutrina Ecológica da Criação*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993. p. 111.

1.5 Ecologia no Apocalipse

Para *Reimer*, o livro de Apocalipse apresenta o final da criação de Deus como um evento único e universal em que novos céus e novas terras serão criados, conforme as narrativas da destruição e de restauração. Enquanto o livro do Gênesis aponta para a expectativa da salvação de Deus, porque, Deus pode recriar todas as coisas, no livro do Apocalipse 21 e 22, de fato todas as coisas serão recriadas. Num contexto sócio histórico hostil, as comunidades cristãs reinterpretam tradições profético apocalípticas dentro de um horizonte histórico salvífico.

Verifica-se que o contexto no qual viviam as Igrejas da Ásia Menor, citadas no Apocalipse, apresentavam uma situação de opressão política, de exploração econômica e de discriminação religiosa “o ressurgir do caos original”. Os textos apocalípticos releem e reescrevem a tradição da criação na expectativa de novos céus e nova terra. Hoje em dia a Igreja aguarda o cumprimento da narrativa profética do Apocalipse considerando que a Escritura Sagrada, como concebida pela tradição cristã, viu cumpridas as narrativas mosaicas, históricas, poéticas, sapienciais, proféticas e evangelísticas durante a história da humanidade.

A perícope, “Então vi novos céus e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o mar já não existia”, contém uma ideia apocalíptica referente aos mesmos céus e terra renovados, em comparação à transformação que Cristo opera em homens e mulheres não fisicamente, mas interiormente. Conforme os textos, 2 Coríntios 5, 17 e Gálatas 6, 15, é possível verificar uma diferença entre “nova criação” e “novas criaturas”, ou seja, pessoas recriadas e renovadas, porém com os mesmos corpos.

E isto, se aplica a toda à criação. Para que haja a renovação da criação, Deus chama os cristãos para evangelizar e é Ele quem salva, chama os cristãos para renovar a criação, mas não deixa de ter a autoria sobre o novo céu e a nova terra. Através da salvação trazida por Jesus, a própria Criação será redimida, por isso o povo de Deus, a Igreja, tem relevante papel na redenção da criação.

O chamamento atual do cristão e da comunidade cristã, por parte de Deus, no tocante à natureza [...] é para que demonstremos uma cura

substancial aqui e agora, entre o homem e a natureza, e a natureza consigo mesma, até onde os cristãos possam conseguir que isto assim seja. Pelo ponto de vista cristão das coisas, a natureza é restaurada à sua verdadeira posição.⁷⁸

De acordo com o pensamento de *Carriker* e de *Schaeffer*, chega-se à conclusão que, a missiologia deve levar a sério o papel criador de Deus, que age dentro da história humana, só assim, a humanidade compreenderá o seu destino na história e dentro dum mundo ainda em construção por Deus. Portanto, a visão apocalíptica da criação pressupõe não apenas o seu julgamento (2 Pedro 3, 1-12), mas também e, por último, a sua renovação (2 Pedro 3, 13), ou seja, Deus estabelecerá um novo céu e nova terra, que serão exemplificados pela justiça, paz e compaixão por meio do Redentor Jesus.

Analisando a salvação de toda a criação, pelo viés da soteriologia, verifica-se que ela não separa os seres humanos do resto do mundo, mas sabe que são solidários de todo o criado (Cl 1, 20). A esperança da salvação estende-se a toda a criação que, no fim dos tempos, será libertada da corrupção (Rm 8, 20-21) e toda renovada (2 Pedro 3, 13; Apocalipse 21, 1). Os homens não têm futuro independente dela.⁷⁹

Com o pecado Deus expulsou o homem do jardim, com a redenção Deus recebe de volta o homem no jardim. Na visão final de João, o jardim se tornou uma praça da Nova Jerusalém, onde a árvore da vida está no meio e suas folhas curam os povos (Apocalipse 21, 1-5). Jesus é a porta de entrada para o jardim ou a praça da nova cidade. Portanto, existe uma expectativa por parte dos cristãos, da existência de novos céus e nova terra, neste sentido, sendo renovados por Deus por uma humanidade regenerada em seus valores morais e princípios éticos. A criação passa pelo processo de destruição para culminar com a sua restauração.

⁷⁸ SCHAEFFER, Francis. *Poluição e a Morte do Homem: Uma perspectiva Cristã da Ecologia*. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã. 2003. p. 75.

⁷⁹ LACOSTE, Jean-Yves (Coord.): MENESES, Paul (tradutor): *Dicionário crítico de teologia*; São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004.

2. A necessidade de uma Ética Planetária

Como uma espécie dotada de inteligência pode ser capaz de destruir sua própria casa, um lar de milhões de anos, a nossa mãe Terra? Planeta este, que a vida orgânica sempre foi seu grande diferencial, um mistério em comparação aos outros planetas do universo. Como uma única espécie, tem nas suas mãos o poder de decidir sobre a vida de milhares de espécies que habitam este planeta? Atualmente a humanidade enfrenta uma grande crise, ela está atravessando uma mudança de época, e vem surgindo um novo paradigma de vida. Muitos teólogos estão buscando respostas sobre esta crise que vem assolando a humanidade.

O teólogo, Leonardo Boff, apresenta a existência de três tipos de crises, aquelas que mais preocupam humanidade. A primeira é a crise social, a segunda é a crise do sistema de trabalho e a terceira é a crise ecológica.⁸⁰ Sobre a crise social, reflete-se a existência de uma realidade humana mergulhada numa profunda desigualdade. Poucas pessoas detêm a maior parte das riquezas do planeta. Estas poucas pessoas gozam de privilégios e beneficiam-se dos avanços científicos que proporcionam um prolongamento dos seus dias de vida. Este grupo seletivo, controlam grande parte dos recursos naturais, fornecidos pela mãe Terra. Tratam este planeta de maneira exploratória, visando o lucro, de modo que, a cada dia vem acelerando o esgotamento dos recursos naturais.

Esta exploração tem por objetivo atender a demanda do status de consumo da humanidade, status este, incentivado e estimulado massivamente pelo sistema econômico. Este comportamento doentio da humanidade, criou um modelo de consumo voraz, prejudicial ao planeta. Este modelo, desperdiça lançando ao lixo toneladas de alimentos que serviriam para alimentar muitos pobres do planeta. Os produtos não consumidos pela sociedade, são descartados em lixões que servem de sobrevivência para muitos, contudo, sabe-se que é uma maneira desumana para se viver. Pessoas, que misturadas aos montes de lixo, são incapazes de serem reconhecidas.

A anomalia consumista da humanidade pode ser revertida a partir da adesão da ética, conforme o teólogo suíço, Hans Küng, “*não haverá sobrevivência sem uma ética*

⁸⁰ BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial*. Editora Record, Rio de Janeiro — São Paulo, 2009. p. 13,14.

mundial”. Para Hans Küng, a ética serve para tirar os homens da zona de conforto e prepara-los para um confronto pessoal. A ética é geradora de mudanças de hábitos. Faz-se necessário que a humanidade esteja aberta para aplicar as ações éticas planetárias, caso contrário ela entrará em colapso, amargará a ruína econômica, catástrofe política e social. Deve-se unir todos esforços para achar uma resposta positiva. O primeiro passo é aderir a causa de uma Ética Mundial, só assim a espécie humana compreenderá que deve fazer o bem, porque, fazer o mal não condiz com a sua realidade universal. Todos querem viver, mesmo que os povos tenham suas diferenças, a vida sempre será desejada, a humanidade não deseja sua autodestruição, ou um extermínio coletivo.⁸¹

A segunda crise é a do sistema de trabalho, faz-se necessário observar a evolução dos meios de produção e os bens de consumo, cuja tecnologia, vem se desenvolvendo velozmente, cada dia mais automatizada.⁸² Projetando num futuro não muito distante, como será o perfil desta humanidade? Especialistas informam que a mão de obra humana será descartada por completo com este sistema moderno de produção, a robotização tomará quase por completo o seu lugar. A ociosidade humana gerará a ruína econômica, o fim do capitalismo. Como o indivíduo irá garantir a sua sobrevivência, sem emprego? Voltaremos a viver a forma do trabalho primitivo? São questionamentos que a Ética Mundial nos convida a pensar e encontrar saídas.

No documento da *Comissão Teológica Internacional*, sobre o tema “*Em busca de uma Ética Universal: Novo Olhar sobre a Lei Natural*”, no artigo 3, encontrou que é necessária a busca de uma linguagem ética comum que concerne a todos os homens. Este documento confirma também que a ética cristã corrobora para a identificação da necessidade de construirmos uma ética mundial, no artigo 6, nos afirma que, “*a ética mundial designa o conjunto de valores fundamentais obriga-tórios, que formam, depois de séculos, o tesouro da experiência humana. Ela se encontra em todas as grandes tradições religiosas e filosóficas.*”⁸³

⁸¹ KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial*. Paulinas, São Paulo, 4ª ed. 2003. p.7 e 54-56.

⁸² BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial*. Editora Record, Rio de Janeiro – São Paulo, 2009. p. 14.

⁸³ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Em busca de uma Ética Universal: Novo Olhar sobre a lei Natural*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20090520_legge-naturale_po.html#CAPÍTULO_4:_A_LEI_NATURAL_E_A_SOCIEDADE_POLÍTICA_

A terceira e última crise da humanidade abordada no pensamento de Leonardo Boff, trata da crise ecológica, na qual “*vivemos sob uma grave ameaça de desequilíbrio ecológico que poderá afetar a Terra como sistema integrador de sistemas*”. A espécie humana está causando este desequilíbrio ecológico, portanto, a humanidade é responsável com o futuro da Terra, este macro organismo vivo, vem sendo exterminado pelas atividades de exploração, tudo isto para satisfazer a voracidade do consumo humano. A humanidade está destruindo o clima, a água potável, a vida do solo, os micro-organismos etc. O equilíbrio da Terra vai acomodar na destruição e devastação de inúmeras espécies vivas. Todos são corresponsáveis da gravidade deste problema, a continuidade desta aventura terrenal e cósmica, depende de decisões coletivas, mudanças de hábitos para o bem da Terra e da sobrevivência humana.

2.1 Despertar das Responsabilidades

Faz-se necessário a ampliação dos conhecimentos da humanidade sobre a questão da corresponsabilidade, a formação desta opinião fomentará iniciativas para impedir a destruição do planeta, trata-se de uma ação fundamental e de extrema urgência, o diálogo apontará caminhos e possíveis saídas. A conscientização a partir deste alerta, quanto mais rápido acontecer, melhor será a possibilidade de evitar o fim da nossa espécie, portanto a mobilização, promoverá ações para consertar o que fizemos, e aquilo que erramos contra a nossa mãe Terra. Nesses últimos séculos, a humanidade tratou a Terra sob uma relação de domínio, explorando de forma desenfreada seus recursos naturais, agindo com poder, colocou-se acima da natureza, sobrepondo a biodiversidade.

A ignorância, causou terrível danos para a grande comunidade biótica, terrenal e cósmica. Contudo, hoje, compreende-se que a nossa sobrevivência depende de caminharmos juntos com a mãe Terra e os demais seres. A humanidade tem a importante tarefa de resolver estas crises. As problemáticas globais, advertem para uma tomada de consciência conjunta, no qual, as ações do presente contribuirão para evitar a destruição das gerações futuras.⁸⁴

⁸⁴ BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial*. Editora Record, Rio de Janeiro — São Paulo, 2009. p. 16 e 17.

Conforme o pensamento de Karl Jaspers, o fundamento ontológico da responsabilidade pela Terra, perpassa pela conversão da razão, “*A responsabilidade moral pode dar-se somente por aquilo que nos é confiado*”, ou seja, por Deus, tudo nos foi confiado, todas as coisas existentes, o ser na sua totalidade. Karl Jaspers viveu no período pós-segunda guerra mundial, e seu pensamento foi influenciado em decorrência do medo iminente da humanidade, com uma possível ameaça de destruição nuclear do planeta, através de uma terceira guerra mundial, tenha visto que em 1945 ocorrera a tragédia de Hiroshima e Nagasaki. Isto motivou a desenvolver formas para resoluções de problemas, a partir de uma ética que fosse capaz de fomentar um pensamento radical difusamente.

“Faz-se necessário que a humanidade aumente a consciência do presente, afim de que, sob essa base de conscientização, a razão possa adquirir um novo rumo, uma verdadeira conversão que, para ele, é o pressuposto para toda e qualquer libertação da história da violência. [...]. É a intencionalidade da razão que, por amor indissolúvel ao homem e à verdade, está disposta a uma radical conversão de si mesma...”⁸⁵

Paul Ricoeur, aborda o conceito da consciência dentro de três aspectos: A polaridade que segundo ele, decorre das experiências do passado, a memória, o conhecimento adquirido, que sinaliza as previsões do futuro. O segundo aspecto é a troca, da mesma maneira que a polaridade, nasce das experiências adquiridas, porém, gera no homem uma capacidade de iniciativa, a possibilidade de interferirmos no curso da história, criar novos valores, novos projetos, novos acontecimentos. O terceiro aspecto alerta para um sentido de orientação, que nasce de um sonho, uma expectativa afetante positivamente, quando construtiva e negativamente quando revela a falta de sentido. A qualidade da consciência histórica depende do sentido de orientação, isto causará a abertura para inúmeras questões sobre a consciência planetária.⁸⁶

⁸⁵ MANCINI, R. e Outros Autores. *Éticas da Mundialidade: O nascimento de uma consciência planetária*. Coleção: Ética e Sociedade. Editora Paulinas, São Paulo, 2000. p. 15, 16, 17.

⁸⁶ RICOEUR. Paul. A crise da consciência histórica e a Europa. Lua Nova — *Revista de Cultura e Político*, São Paulo, n, 33, P. 87 e 88. 1994.

Precisamos consumir para viver. Mas devemos consumir com responsabilidade e com solidariedade para com os outros. Os governos administram desigualmente os bens públicos, privatizam, planejam políticas públicas e sociais pobres para os pobres e ricos para os ricos e poderosos, sejam indivíduos, empresas ou classes; atendem primeiramente a seus interesses, garantem seu tipo de consumo e são atentos às suas expectativas. Não os incentivam a olhar para os lados onde estão os outros e, assim, fazer e refazer a solidariedade social. Tais governos não realizam a definição mínima de política, que é a busca comum do bem comum e o cuidado das coisas do povo. Por isso, são antiéticos e fautores de atitudes coletivas em contradição com os apelos éticos. Não se orientam pelo outro, que é o princípio fundador da ética básica. Não cuidam da vida, da vida das pessoas, da natureza e da Terra como superorganismo vivo, chamado de Gaia.⁸⁷

2.2 Visão prática da Ética Planetária

Para Leonardo Boff, faz-se necessário uma revolução global, o surgimento de uma ideologia revolucionária, sintonizada tecnologicamente e articulada, que tenha uma base coesa, poderosa, capaz de sugerir e efetivar mudanças radicais, na qual sem elas, a humanidade caminhará de encontro ao pior. Portanto, é necessário construir uma base de princípios éticos, que abra possibilidades de encontrar soluções para a salvação da Terra, e da humanidade em geral.⁸⁸

Uma saída iminente para o problema da destruição do planeta Terra, segundo Hans Küng, baseia-se numa regulamentação ecológica, mas que seja elaborada por pessoas imbuídas de determinadas convicções e posturas. A ética mundial será responsável pela ordem mundial, desde que se invista em educação em geral, porque, do que valem as leis, e as normas jurídicas existentes nos países, na defesa e proteção do planeta, quando sabemos que elas são corrompidas por pessoas que não querem cumprir as leis.⁸⁹

⁸⁷ BOFF, Leonardo. *Do Iceberg à Arca de Noé: O nascimento de uma ética planetária*. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2002. p. 96 e 97.

⁸⁸ BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial*. Editora Record, Rio de Janeiro — São Paulo, 2009. p. 17.

⁸⁹ KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial*. Paulinas, São Paulo, 4ª ed. 2003. p. 68, 69.

Na Comissão Teológica Internacional, na parte conclusiva no artigo 116, é feito um convite aos especialistas e porta vozes religiosos do mundo, para que elaborem juntos, soluções através de um trabalho análogo, com reconhecimento comum, de normas morais universais fundamentais, superando as diferenças, promovendo a compreensão, por tratar-se de um trabalho urgente, que afeta a todos os membros da família humana.⁹⁰

A teologia propõe o caminho do diálogo ecumênico e inter-religioso, uma vez que se faz necessário o surgimento de uma Teologia Planetária, a qual deverá representar um grande papel no contexto atual. Esta nova teologia mediará o diálogo entre a tradição e o paradigma ecológico, sendo geradora de uma consciência planetária, defensora e testemunha da vida e de seu Mestre e Senhor Jesus:⁹¹ “Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”, (Jo 10, 10).

⁹⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Em busca de uma Ética Universal: Novo Olhar sobre a lei Natural*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20090520_legge-naturale_po.html#CAPÍTULO_4:_A_LEI_NATURAL_E_A_SOCIEDADE_POLÍTICA_

⁹¹ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de e SOUZA, José Carlos Aguiar de (organizadores). *Consciência Planetária e Religião: Desafios para o século XXI*. Coleção: Estudos da Religião. Editora Paulinas, São Paulo, 2009. p. 161.

Conclusão

A *Encíclica Laudato Si'*, do Papa Francisco, de fato, apresentou para humanidade a necessidade de um amplo diálogo sobre a problemática climática que põem em risco a integralidade da vida humana, e também de toda a criação. No entanto, a sua Igreja tem como responsabilidade ser protagonista, e envolver os vários setores da sociedade, fazerem parte desta revolução cultural. Cuidar da integralidade da vida, é uma missão profética no cuidado com a casa comum.

O pensamento do Papa Francisco, sobre a ecologia, sinaliza que o comportamento consumista da sociedade precisa ser interrompido, para tanto, todos devem unir esforços para implementar um novo paradigma. Foi possível verificar, quem é de fato o Papa Francisco, ao estudar os aspectos históricos, no qual perpassamos a história, sobre os Jesuítas na Argentina, a biografia de Jorge Mario Bergoglio, do seu nascimento até o Pontificado.

Compreende-se melhor o canal de comunicação utilizado pelo Papa Francisco sobre o assunto da casa comum, através de uma encíclica, uma vez que a pesquisa elucidou o significado das Encíclicas Papais no decorrer da história. Sobretudo, também, obteve-se a partir do estudo das definições da Ecologia, juntamente com a sua evolução ao longo da história, uma melhor assimilação da complexidade do assunto. Uma vez que, além das outras ciências, a ecologia também é interpretada pela teologia.

O Papa Francisco, de fato, está honrando o nome que foi inspirado por São Francisco de Assis. O seu pontificado caminha em direção a defesa e da integralidade da vida. O estudo do capítulo IV da *Encíclica Laudato Si'*, *Uma Ecologia Integral*, foi fundamental para a elaboração de uma compreensão mais adequada sobre a Teologia da Ecologia humana. O estudo Bíblico sobre a ecologia, enriqueceu exponencialmente a questão do homem em relação a criação, ou seja, “domínio” ou “cuidado”.

Através do estudo sobre a abordagem da Ética na Ecologia, foi possível verificar, que a questão da tomada de consciência da humanidade é fundamental. Trata-se de uma causa urgente, que cabe ao teólogo ampliar a discussão no meio acadêmico, comunitário

e social. O estudo da problemática planetária apresentou-se de forma sucinta e expositiva sobre a opinião de alguns teólogos.

A forma textual das fontes pesquisadas, apresentaram-se de forma direta e impactante, estimulando a autorreflexão. Enfim, este estudo fomentou o desejo de aprofundar, e de colaborar com a implementação deste novo paradigma sugerido pelo Papa Francisco, no qual, faz um apelo pela adesão da sua Igreja, tendo visto o eminente risco de todos estarem caminhando para o abismo.

Referências Bibliográficas

AGNELO, D. Geraldo Majella. *Liturgia Diária – Ano XXV – Nº 296 – agosto de 2016: Ecologia Integral*. São Paulo: Ed. Pia Sociedade de São Paulo / Paulus, 2016. art. capa.

BERKHOF, Louis. *Teologia Sistemática*. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã, 2012. 4ª edição.

BOFF, Leonardo. *Do Iceberg à Arca de Noé: O nascimento de uma ética planetária*. Editora Garamond, Rio de Janeiro, 2002.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres: dignidade e direitos da Mãe Terra / Leonardo Boff*; Petrópolis, RJ: Vozes, 2015. 1ª edição.

BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial*. Editora Record, Rio de Janeiro — São Paulo, 2009.

BOFF, Leonardo. *Francisco de Assis e Francisco de Roma: uma nova primavera na Igreja?*; Rio de Janeiro/RJ: Mar de Ideias Navegação Cultural, 2013. 1ª edição.

CARRIKER, Timóteo. *Missão Integral: Uma Teologia Bíblica*. São Paulo: Editora SEPAL, 1992.

COMPÊNDIO DO VATICANO II: CONSTITUIÇÕES, DECRETOS, DECLARAÇÕES. 29ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Campanha da Fraternidade 2011 e 2016: Texto-Base*. Brasília: Edições CNBB, 2011 e 2015.

FRANCISCO, Papa. *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium: A alegria do Evangelho, sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*. São Paulo, SP: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. Carta encíclica *Laudato Si'*. São Paulo: Paulus / Edições Loyola, 2015.

GAETA, Saverio. *Papa Francisco - Vida e os desafios*; tradução Pe. José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2013. 1ª edição

HOUSE, R. Paul. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Editora Vida, 2005.

KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial*. Paulinas, São Paulo, 4ª ed. 2003.

LACOSTE, Jean-Yves (Coord.): MENESES, Paul (tradutor): *Dicionário crítico de teologia*; São Paulo: Paulinas / Edições Loyola, 2004.

MANCINI, R. e Outros Autores. *Éticas da Mundialidade: O nascimento de uma consciência planetária*. Coleção: Ética e Sociedade. Editora Paulinas, São Paulo, 2000.

MOLTMANN, Jurgen. *Deus na Criação: Doutrina Ecológica da Criação*; tradução Haroldo Reimer, Ivoni Richter Reimer. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

SILVA, Maria Freire. *Trindade, criação e ecologia*. São Paulo, SP: Paulus, 2012.

SOUZA, Ney de. *Revista de Cultura Teológica* – v. 16 – n. 64 – jul/set 2008. *Do Rio de Janeiro (1955) à Aparecida (2007) – Um olhar sobre as Conferências Gerais do Episcopado da América Latina e do Caribe*.

TOWNSEND, Colin R., BEGON, Michael, HARPER, John L. *Fundamentos em Ecologia*. Porto Alegre, RS: Editora Artmed, 2008. 3ª edição.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de e SOUZA, José Carlos Aguiar de (organizadores). *Consciência Planetária e Religião: Desafios para o século XXI*. Coleção: Estudos da Religião. Editora Paulinas, São Paulo, 2009.

PASSOS, Décio João e SOARES, Afonso M. L. (organizadores). *Francisco Renasce a Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. 1ª edição.

RAD, Gerhard von. *Teologia do Antigo Testamento*. Tradução Francisco Catão. São Paulo: Editora Aste / Targumim, 2006. 2ª edição.

RICOEUR, Paul. A crise da consciência histórica e a Europa. *Lua Nova Revista de Cultura e Política*, São Paulo, 1994.

SCHAEFFER, Francis. *Poluição e a Morte do Homem: Uma perspectiva Cristã da Ecologia*. São Paulo, SP: Editora Cultura Cristã. 2003.

SILVA, José Maria da (org.). *Papa Francisco: perspectivas e expectativas de um papado*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 1ª edição.

STOTT, John. *A Missão Cristã no Mundo Moderno*. Viçosa, MG: Ultimato, 2010.

STRAZZARI, Francesco. *Para conhecer o Papa Francisco*; tradução Cacilda Rainho Ferrante. São Paulo: Paulinas, 2014. 1ª edição.

SUESS, Paulo. *Dicionário da Laudato Si': sobriedade feliz: 50 palavras-chave para uma leitura pastoral "sobre o cuidado da casa comum" do Papa Francisco*. São Paulo: Paulus, 2017. Coleção Comunidade e missão.

Bibliografias de Artigos Periódicos de Site de Internet.

ANDRADE, Maristela Oliveira; LIMEIRA, Amélia Ferreira Martins. *Diálogo entre a tradição bíblica e a construção do discurso teológico ambiental cristão*. Disponível em: <file:///D:/TCC/Diálogo%20entre%20a%20tradição%20bíblica%20e%20a%20construção%20do%20discurso.pdf> - Artigo - Horizonte, Belo Horizonte, v. 10, n. 26, p. 603-618, abr./jun. 2012 - ISSN: 2175-5841

CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA. O Respeito pela Integridade da Criação (2415). Disponível em: http://www.vatican.va/archive/cathechism_po/index_new/p3s2cap2_2196-2557_po.html

CARTA DA TERRA. Disponível em: http://www.mma.gov.br/estruturas/agenda21/_arquivos/carta_terra.pdf

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *Em busca de uma Ética Universal: Novo Olhar sobre a lei Natural*. Disponível em: http://www.vatican.va/roman_curia/communications/cfaith/cti_documents/rc_con_cfaith_doc_20090520_legge-naturale_po.html#CAPÍTULO_4:_A_LEI_NATURAL_E_A_SOCIEDADE_POLÍTICA_

DA FRANCE PRESSE. *Saiba mais sobre as encíclicas que marcaram a história da Igreja*. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/07/as-enciclicas-pontificias-que-marcaram-a-historia.html>

DOCUMENTO DE APARECIDA. O cuidado com o meio-ambiente (470-475). Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/cjp/a_pdf/cnbb_2007_documento_de_aparecida.

FOLHA ON LINE. *O que é encíclica?* Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/papa-enciclica.shtml>

LIMEIRA, Amélia Ferreira Martins. *ECO(TEO)LOGIA: O discurso teológico ambiental e sua prática na comunidade evangélica batista da cidade de Cabedelo, Pb*. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/4566>

LIMEIRA, Amélia Ferreira Martins; ANDRADE, Maristela Oliveira de. *Diálogo entre a tradição bíblica e a construção do discurso teológico ambiental cristão*. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2012v10n26p603>

LOPES JR, Orivaldo Pimentel. *Ser Humano e Natureza na Teologia Cristã: Quando fizestes a um lençol freático, a mim me fizestes*. Dossiê: Biodiversidade, Política e Religião. Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p.79-87, abr./jun. 2010. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/viewFile/P.2175-5841.2010v8n17p79/25>

MAÇANEIRO, Marcial. Ecologia, fé e justiça social: Para uma recepção da encíclica *Laudato si'* de Papa Francisco. *Med. / vol. XLI / No. 163 / Septiembre - Diciembre (2015) / pp. 435-460 - ISSN 0121-4977 / Bogotá-Colombia*

MIRANDA, Roberto de Sousa. *Ecologia política e processos de territorialização*. Disponível em: file:///D:/TCC/Ecologia%20política%20e%20processos.pdf Artigos - Revista Sociedade e Estado - Volume 28 Número 1 - janeiro/abril 2013

MURAD, Afonso Tadeu. *Consciência planetária, sustentabilidade e religião. Consensos e tarefas*: Disponível em: file:///D:/TCC/Consciência%20planetária,%20sustentabilidade%20e%20religião.%20onsensos%20e%20tarefas..pdf - Artigos - Horizonte, Belo Horizonte, v. 11, n. 30, p. 443-475, abr./jun. 2013 – ISSN 2175-5841

OLIVEIRA, Rosalira dos Santos. *Religiões da terra e ética ecológica*: Disponível em: file:///D:/TCC/Religiões%20da%20terra%20e%20ética%20ecológica.pdf - Artigo – Horizonte, Belo Horizonte, v. 8, n. 17, p.26-44, abr./jun. 2010 - ISSN: 2175-5841

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Para além do pensamento abissal: Das linhas globais a uma ecologia de saberes*. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002007000300004

PARACLITUS. Disponível em: <http://www.paraclitus.com.br/category/magisterio/Encílicas-papais/>

REIMER, Haroldo. *Paz na Criação de Deus: Esperança e Compromisso. Estudos Teológicos São Leopoldo v. 51 n. 1 p. 138-156 jan. / jun. 2011*. Disponível em: est.edu.br/periodicos/index.php/estudos_teologicos/article/download/183/208

RERUM NOVARUM. Disponível em: https://w2.vatican.va/content/leo-xiii/pt/encyclicals/documents/hf_l-xiii_enc_15051891_rerum-novarum.html

VATICAN. Disponível em: http://www.vatican.va/offices/papal_docs_list_po.html